



DEPARTAMENTO DE ENSINO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTORIA

ADÉLIA CHİYONGA DE ALMEIDA CAMBAMBI

**O CONTRIBUTO DA IGREJA PROTESTANTE NA LUTA PELA
INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA**

CAÁLA/ 2023

ADÉLIA CHİYONGA DE ALMEIDA CAMBAMBI

**O CONTRIBUTO DA IGREJA PROTESTANTE NA LUTA PELA
INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Departamento de Ensino e Investigação, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciatura, no Curso de História do Instituto Superior Politécnico da Caála.

Orientador: Meneze Ndiquito.

CAÁLA/ 2023

Dedico este trabalho a minha família.

RESUMO

A implantação missionária protestante em Angola ocorre nos finais do século XIX. A sua maioria, congregacionista, segue a autonomia doutrinal da Reforma e instala-se por força dos acordos internacionais no território. Diferentemente da Igreja Católica, que acompanha a presença expansionista portuguesa desde o século XVI, as igrejas protestantes motivam desconfiança às autoridades portuguesas. As críticas proferidas em relação às políticas coloniais levam a que muitas das suas instalações sejam encerradas, sobretudo, no decurso dos acontecimentos políticos de Angola, em 1961. A mesma sorte tem o movimento profético-salvífico tokoista que, decorrendo do cristianismo (católico e protestante), pretendeu substituir os valores do colonizador utilizando-os para o melhoramento do contexto social das populações locais. Isto é, pretendeu africanizar os valores advindos com a colonização quer fossem religiosos ou socioculturais podendo assim mobilizar as populações angolanas para a resistência e na crença da libertação. Este estudo, no quadro da colonização portuguesa em Angola e com base à atitude historiográfica da história política, analisando fontes arquivísticas e bibliográficas disponíveis, destaca o papel das missões protestantes e do movimento de Simão Toko no despertar político das elites locais feito conseguido com a Proclamação da Independência nacional de Angola no ano de 1975. Sublinha-se, pois, que o desempenho destas missões, e também do tokoísmo, nos domínios da educação, instrução, saúde no seio das comunidades locais embate contra as políticas das autoridades governamentais.

Palavras-chave: Missões protestantes; tokoísmo; libertação; Angola.

ABSTRACT

The Protestant missionary implantation in Angola takes place in the late 19th century. Most of them, Congregationalists, follow the doctrinal autonomy of the Reform and settle under international agreements in the territory. Unlike the Catholic Church, which has accompanied the Portuguese expansionist presence since the 16th century, the Protestant churches motivate distrust of the Portuguese authorities. The criticisms made in relation to colonial policies led to many of its installations being closed, especially during the course of political events in Angola, in 1961. The same fate has the Tokoist prophetic-salvific movement that, arising from Christianity (Catholic and Protestant), intended to replace the values of the colonizer, using them to improve the social context of local populations. That is, it intended to Africanize the values arising from colonization, whether religious or sociocultural, thus mobilizing Angolan populations for resistance and the belief in liberation. This study, in the context of Portuguese colonization in Angola, highlights the role of protestant missions and the Simão Toko movement in the political awakening of local elites achieved with the proclamation of Angola's national independence in 1975. It is therefore underlined that the performance of these missions, and also of Tokoism, in the fields of education, instruction, health within local communities' clashes with the policies of government authorities.

Keywords: Protestant missions; tokoism; liberation; Angola.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Classificação da amostra	50
Tabela 2- Você acredita que a Igreja Protestante teve um papel significativo na luta de independência de Angola?	51
Tabela 3- Você Acredita que a Igreja Protestante ajudou a fortalecer o sentimento nacionalista em Angola?	51
Tabela 4- Acha que a Igreja Protestante contribuiu para a conscientização política da população angolana durante a luta de independência?	51
Tabela 5- Você considera que a Igreja Protestante continua a desempenhar um papel relevante na sociedade angolana após a independência?	51

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA	11
1.2 OBJECTIVOS	11
1.2.1 Obejectivo geral	11
1.2.2 Objectivos específicos	11
1.3 CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPIRICA	13
2.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.....	13
2.2 FASES DOS AUTÓTONES	15
2.3 A FUNÇÃO LIMITADA DOS GOVERNOS COLONIAS	18
2.4 O IMPACTO DE SIMÃO TOKO E SEUS IDEIAS E CONVICÇÕES RELIGIOSAS.....	21
2.5 CRÍTICAS DO TOKOISMO	22
2.6 . DISCURSOS E ACÇÃO DAS MISSÕES PROTESTANTES NA EVOLUÇÃO DO NACIONALISMO ANGOLANO.	25
2.7 INTERVEÇÃO DA IGREJA PROTESTANTE NO TERRITÓRIO ANGOLANO	28
2.8 OS CONGREGACIONISTAS DE 1880.....	29
2.9 AS IGREJAS E O NACIONALISMO EM ANGOLA	39
2.9.1 Chegada da Congregação do Espírito Santo	39
2.10 A FUNDAÇÃO DE MISSÕES CATÓLICAS.....	40
2.11 ACORDO MISSIONÁRIO DE 1940	43
2.12 O LEGADO DA IGREJA PROTESTANTE NA LUTA DE INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA 45	
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
3.1 TIPO DE PESQUISA	47
3.2 MÉTODOS DE PESQUISA	47
3.3 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.....	48
3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	48
3.5 AMOSTRAGEM.....	48
4. ANÁLISE E DISCUÇÃO DOS RESULTADOS.....	50
4.1 TABELA DE FREQUÊNCIAS	50

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

A implantação missionária protestante em Angola ocorre nos finais do século XIX. A sua maioria, congregacionista, segue a autonomia doutrinal da Reforma e instala-se por força dos acordos internacionais no território. Diferentemente da Igreja Católica, que acompanha a presença expansionista portuguesa desde o século XVI, as igrejas protestantes motivam desconfiança às autoridades portuguesas.

As críticas proferidas em relação às políticas coloniais levam a que muitas das suas instalações sejam encerradas, sobretudo, no decurso dos acontecimentos políticos de Angola, em 1961. A mesma sorte tem o movimento profético-salvífico tokoista que, decorrendo do cristianismo (católico e protestante), pretendeu substituir os valores do colonizador utilizando-os para o melhoramento do contexto social das populações locais. Isto é, pretendeu africanizar os valores advindos com a colonização quer fossem religiosos ou socioculturais podendo assim mobilizar as populações angolanas para a resistência e na crença da libertação. Este estudo, no quadro da colonização portuguesa em Angola e com base à atitude historiográfica da história política, analisando fontes arquivistas e bibliográficas disponíveis, destaca o papel das missões protestantes e do movimento de Simão Toko no despertar político das elites locais feito conseguido com a Proclamação da Independência nacional de Angola no ano de 1975. Sublinha-se, pois, que o desempenho destas missões, e também do tokoísmo, nos domínios da educação, instrução, saúde no seio das comunidades locais embate contra as políticas das autoridades governamentais.

O colonialismo, antecedido pelos anos de exploração e de comércio de escravos, serve de indicador da missão civilizadora europeia em África. Em Angola, os missionários aparecem na primeira hora, a acompanhar o processo expansionista do império português. Ora, a Igreja Católica, no exercício da sua atividade tutelada pelo poder político, recebe inúmeras críticas das confissões protestantes. Aquando da chegada dos missionários protestantes em Angola, no último terço de oitocentos, estes acusam os congéneres católicos pelo atraso de Angola, uma decorrência das políticas coloniais. Segundo os missionários protestantes, Angola carecia de melhores oportunidades quanto ao acesso à religião, à educação, à saúde e ao bem-estar social.

Sabe-se que até finais do século XIX, o alicerce do sistema português em Angola fundamenta-se no comércio de escravos. A Igreja Católica Romana que segue, de perto, a bandeira de Portugal, não contraria o tráfico negreiro. Nos cais de Luanda, por volta de 1870, podia ver-se a cadeira de mármore onde o bispo se costumava sentar e batizar os pobres

infelizes, à medida que os barcos iam sendo carregados e eles colocados em fila no convés. O Governo recebia o seu imposto, o piedoso eclesiástico recebia a sua remuneração, e os escravos eram assim introduzidos, pela primeira vez, na religião do branco. A indiferença católica pode ver-se também no decurso do século XX.

A chegada dos protestantes em Angola possibilita um quadro religioso e sociocultural junto das populações nativas diferente do que alguma vez se tinha visto sob o regime católico, ao mesmo tempo que veiculavam novas ideias que libertavam os africanos dos laços de lealdade absoluta quer às suas sociedades tradicionais, quer à autoridade portuguesa.

Em relação às políticas laborais, os protestantes induzem a uma maior consciência para escapar à opressiva lei do Indigenato e ao trabalho forçado que, à época, representavam as principais características da presença e missão civilizadora de Portugal em Angola.

Apesar de posterior, a atividade protestante em Angola, cedo se inteira da fragilidade política e religiosa desse território no século XX. Na mesma linha, e com um olhar bastante congregacionista, segue a autonomia doutrinal da Reforma e instala-se por força dos acordos internacionais no território. Diferentemente da Igreja Católica, que acompanha a presença expansionista portuguesa desde o século XVI, as igrejas protestantes motivam desconfiança às autoridades portuguesas. As críticas proferidas em relação às políticas coloniais levam a que muitas das suas instalações sejam encerradas, sobretudo, no decurso dos acontecimentos políticos de Angola, em 1961. A mesma sorte tem o movimento profético-salvífico tokoista que, decorrendo do cristianismo (católico e protestante), pretendeu substituir os valores do colonizador utilizando-os para o melhoramento do contexto social das populações locais. Isto é, pretendeu africanizar os valores advindos com a colonização quer fossem religiosos ou socioculturais podendo assim mobilizar as populações angolanas para a resistência e na crença da libertação. Este estudo, no quadro da colonização portuguesa em Angola e com base à atitude historiográfica da história política, analisando fontes arquivistas e bibliográficas disponíveis, destaca o papel das missões protestantes e do movimento de Simão Toko no despertar político das elites locais feito conseguido com a Proclamação da Independência nacional de Angola no ano de 1975.

1.1 Descrição Da Situação Problemática

Toda e qualquer investigação parte de um problema, desta feita a problemática deste projecto de fim de curso na licenciatura do curso de História parte do desconhecimento da população sobre a ajuda que as igrejas, com principal realce a igreja protestante deu para a libertação de Angola.

Visto que a Igreja Protestante desde sempre desempenhou um papel preponderante quanto à expansão territorial e conseqüente a colonização, contribuíram para fixar marcos da penetração Portuguesa naquele território disputado por outros povos.

Causa: Procura de melhores condições de vida para a população Angolana.

Consequência: Desvalorização cultural e perda de personalidade social.

Proposta: União, políticas positivas para o bem-estar de todos na defesa da dignidade territorial e o resgate dos valores.

1.2 Objectivos

1.2.1 Objectivo geral

Compreender o contributo da igreja protestante na Independência de Angola.

1.2.2 Objectivos específicos

1. Caracterizar Angola;
2. Fazer uma análise sobre a expansão dos protestantes em Angola;
3. Descrever os motivos que levaram os protestantes em Angola;
4. Analisar o legado da Igreja Protestante na luta pela independência de Angola, avaliando seu impacto duradouro nas estruturas políticas, sociais e religiosas do país.;
5. Explorar o papel da Igreja Protestante na formação e organização de movimentos de resistência ao regime colonial português, como a União dos Povos de Angola (UPA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

1.3 Contribuição Do Trabalho

Com este trabalho pretende-se contribuir focando-se no tema acima referido, em trazer à tona a valoração e aceitação da igreja como parceira do estado Angolano uma vez que desde os tempos mais remotos, os cristãos de um modo geral estiveram interessados com a paz desta nação que se chama Angola.

É a relevância do assunto que me cativou a elaboração deste tão importante tema, tenho a plena certeza que os futuros leitores deste trabalho a ser desenvolvido, trará um auxílio e importância na contribuição da história de Angola.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPIRICA

2.1 Localização Geográfica

A República de Angola situa-se entre os paralelos 4° 22 e 18° 02 e os medianos 4° 05 e 11° 41 a Este de Greenwich, no Hemisfério Sul, na parte ocidental da África Austral e ocupa uma área de 1.246.700 km². Etimologicamente Angola deriva de Ngola nome atribuído a uma dinastia dos povos Abundo fixados no médio-Kwanza.

A República de Angola fica situada na costa ocidental da África Austral, a Sul do Equador, cujo território principal é limitado a norte e a nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico.

A igreja congregacional em Angola, foi implementada no solo de Angola a 11 de novembro de 1980, data que marca a chegada dos seus primeiros missionários Americanos na antiga ponte cais da Província de Benguela: O Reverendo William W. Bagster que tinha na altura 32 anos de idade, era o chefe da expedição; O Ver. William Henry Sanders que tinha na altura 25 anos de idade e o Professor arquitecto Samuel Taylor Miller que foi o primeiro missionário negro em Angola.

O trabalho missionário desenvolvido por esses e mais outros missionários que se seguiram Estrangeiros e Nacionais, expandiu-se por quase toda Angola.

Muitas missões e centros missionários foram fundadas para ajudar os homens, mulheres, crianças, e velhos a serem perfeitos e perfeitamente habilitados para toda boa obra (Livro de Timóteo cap 3 v16-17) as missões e centros evangelicos tinham para além do templo, escolas, hospitais, campos ou lavras de produção agropecuaria etc. muitos enfermeiros, professores, carpinteiros, alfaiates, modistas, pedreiros etc. foram formados nas Escolas das missões e centros destas Igrejas. Muitos catequistas, diáconos, Secretários, tesoureiros, pastores e pastoras também foram formados por estas estações missionárias. Hoje a igreja e Nação Angolana orgulham-se pelo trabalho desenvolvido por esta Igreja, sobretudo na formação de quadros que tem dado o seu saber em prol do desenvolvimento deste país.

Em 1940 foi aberta uma Escola teológica, e a graduação de vários pastores resultou em um significativo crescimento e desenvolvimento na vida da Igreja. Durante o período de 1957 até a independência de Angola em 1975, o trabalho das duas denominações (A norte

Americana e a Canandese) foi unido e passou a ser chamado de conselho das igrejas Evangelicas em Angola central. Após a Independência o nome foi mudado para Igreja Envagelica Congregacional em Angola.

A IECA teve forte adesão em determinadas regiões do país. Além de 60 Escolas Primárias e 3 secundárias, tinham o mais alto programa médico desenvolvido no Território e um extenso serviço de saúde pública rural. Durante a guerra civil, a infra-estrutura nas zonas rurais foi completamente destruída e a Igreja foi dividida em duas: Uma na área rural e outra na cidade.

A reunificação dos dois grupos só foi completada em 1996.

Agora que há páz , o trabalho desenvolvido nas cidades desde 1977, foram se estendendo em zonas rurais e as reconstruções começaram.

Novos convertidos se uniram as Igrejas que cresceu e se espalharam por todo pais, trabalhando em 15 Províncias.

De acordo com a sua constituição as funções da IECA foram:

- 1-Manter o culto divino e a difusão da fé Cristã;
- 2-Manifestar e revelar no serviço de amor para todos os seres humanos.

Por isso a Igreja levou a cabo um plano estratégico com os diferentes programas:

Alfabetização, Educação, Saúde, Agricultura, de paz e reconciliação e direitos humanos. Para este Trabalho a igreja tem se movido de uma missão Rural para uma missão Urbano-rural. A reconstrução de infra-estruturas rurais, afim de ajudar as pessoas a reconstruirm as suas vidas é uma tarefa urgente. Ao mesmo tempo a igreja tem que reforçar a sua missão urbana.

A IECA é a segunda mais antiga denominação evangelica de Angola, e é totalmente autonoma. Seus pastores são agora formados em um seminário interdenominacional na Provincia do Huambo. A IECA participa plenamente das actividades e programas ecumênicos em Angola. A IECA é um dos membros fundadores do concilio de Igrejas cristãs de Angola (CICA).

A Igreja Congregacional em Angola (IECA) foi formada pela união do trabalho iniciado em 1980 pela junta Americana, decomissionados para missões estrangeiras (das igrejas Congregacionais Norte-Americanas, actualmente igreja unida de Cristo), é a missão iniciada em 1886, pelas Igrejas congregacionais do Canadá (Actualmente, igreja Unida do Canadá).

2.2 Fases dos Autótones

Os Autóctones, dedicaram-se no movimento profético-salvífico tokoista na defesa das populações angolanas exploradas pelo sistema colonial português. (KISELA, 2004). As estruturas administrativas portuguesas não cobrem todas as comunidades locais. A influência católica é insuficiente. Não admira a quantidade de angolanos largamente intocados pelos ideais ocidentais, influenciados apenas pelas suas velhas relações comerciais com os portugueses. (WHEELER e PÉLISSIER, 2009, p. 125).

Esse panorama, constatado pelas diversas confissões protestantes e pelas ações do «profeta» Simão Gonçalves Toko, leva estas a concluir que Angola, no geral, padece de uma profunda crise moral, a de uma sociedade africana em desintegração. É desafio deste estudo, no quadro da colonização portuguesa em Angola e baseando-se na atitude historiográfica da história política com recurso às fontes arquivísticas e bibliográficas disponíveis, destacar o papel das missões protestantes e do movimento de Simão Gonçalves Toko no despertar político das elites locais, da resistência à opressão colonial à libertação política do território angolano, em 1975. Sublinha-se, pois, que o desempenho destas instituições religiosas, nos domínios da educação, instrução, saúde no seio das comunidades locais embate contra as políticas das autoridades governamentais. Também por seu turno autóctone, dedica-se o movimento profético-salvífico tokoista na defesa das populações angolanas exploradas pelo sistema colonial português. (KISELA, 2004). As estruturas administrativas portuguesas não cobrem todas as comunidades locais. A influência católica é exígua. Não admira a quantidade de angolanos largamente intocados pelos ideais ocidentais, influenciados apenas pelas suas velhas relações comerciais com os portugueses (WHEELER e PÉLISSIER, 2009, p. 125).

Esse panorama, constatado pelas diversas confissões protestantes e pelas ações do «profeta» Simão Gonçalves Toko, leva estas a concluir que Angola.

É desafio deste estudo, no quadro da colonização portuguesa em Angola e baseando-se na atitude historiográfica da história política com recurso às fontes arquivísticas e bibliográficas disponíveis, destacar o papel das missões protestantes e do movimento de Simão Gonçalves Toko no despertar político das elites locais, da resistência à opressão colonial à libertação política do território angolano, em 1975. Sublinha-se, pois, que o desempenho destas instituições religiosas, nos domínios da educação, instrução, saúde no seio das comunidades locais embate contra as políticas das autoridades governamentais, que se instala em São Salvador do Kongo, em 1878. Segue-se-lhe, em 1880, o Conselho Americano de Comissários

para as Missões Estrangeiras, Congregacionistas, com sede no Bailundo. Em 1882, é a vez da Sociedade Missionária Baptista Americana no Estrangeiro, que também se fixa no Bailundo. A Igreja Episcopal Metodista instala-se em Luanda, em 1885, e a Igreja Unida do Canadá, no Bailundo, em 1886. As Missões Cristãs em Muitas Terras chegam em 1889. Em 1890, no Bié, instalam-se Os Irmãos de Plymouth. Sete anos mais tarde, em 1897, a Missão Filafricana ocupa-se da região de Caluquembe. A Liga Evangélica de Angola chega em 1897. A Aliança Cristã e Missionária, em 1907. A Missão Geral da África do Sul, em 1914. Já os Adventistas do Sétimo Dia, chegam em 1924, começando por se fixar em Cabinda. (WHEELER e PÉLISSIER, 2009).

A chegada protestante, em Angola, segue em crescendo, embora não de um modo predefinido ou dirigido. Apesar das suas intenções de missionação, todas as confissões religiosas têm uma visão diferente da sociedade de Angola. A certeza é que as localidades por onde os missionários se enraízam se vão identificando com a «nova» doutrina trazida, adotandoa, inclusive, na sua idiossincrasia e no quotidiano social. (CARVALHO, 2001; GRENFELL, 2012; HENDERSON, 1990). Por força dessas influências, as comunidades locais despertam não só segundo os princípios religiosos, mas também cultural, económica, social e politicamente. Coteje-se, a esse propósito, a correspondência de 1961 dos serviços ultramarinos angolanos (Informação n.º. 661/61-GU) enviada à Presidência do Conselho, Ministérios do Ultramar, Interior, Defesa Nacional, Exército e ao Subsecretariado da Aeronáutica na qual se dá fé das atividades da organização americana CLA, Comité de Libertação de África, nos territórios portugueses.

Das várias atividades e intenções essa organização, composta também por judeus americanos capitalistas, com colaboração de elementos dos partidos oposicionistas aos Governos de Portugal e Espanha exilados no Brasil, pretende em primeira mão usufruir benefícios em Angola e Moçambique, por exemplo, através das confusões e desordens por si financiadas. Em Moçambique, os interesses do CLA concentram-se na região do Tete. Já em Angola, Barra do Dande, Lifune, Benfica, Cabinda, Luanda, Dundo, Saurimo, Malange, ou seja, todos os centros onde se encontram os jazigos petrolíferos, minas de diamantes e minas de material radioativo. Aliás, conforme se verifica na mesma correspondência, a penetração efetiva do CLA tem sido executada através das Missões Protestantes, tendo como «intermediária» a Missão dos Adventistas do Sétimo Dia e outras.

No fervilhar do nacionalismo africano no contexto do desenvolvimento da África depois da experiência da Segunda Guerra Mundial, as comunidades angolanas beneficiam, em larga medida, da solidariedade eclesial protestante. Este apoio molda, em particular, as elites

dos próprios movimentos de libertação como a UPA-FNLA, o MPLA e a UNITA. Embora a elite do MPLA se constituísse com mais elementos católicos. (MARCUM, 1969; ROSAS, 2015). A chegada do protestantismo em Angola não era recente. Em 1878, em São Salvador do Kongo, a Sociedade Missionária Baptista Inglesa dedicou-se à ação pastoral no Norte de Angola. Enquanto os angolanos estão refugiados no Congo Léopoldville, a ação dos batistas estendeu-se nas vilas e cidades.

Formou-se, em 1968, a Associação das Igrejas Batistas no Exílio (ACEBA) que não só mantém viva a determinação de incentivar o regresso das actividades da Organização Americana CLA, Informação n.º 66/61-GU, 77, pasta 52, n.º 217, 3 de Maio de 1961. R E V reconstrução social, como capacitar os jovens para a futura Angola, de Mbanza Kongo Igreja Metodista Episcopal em Angola, na cidade de Luanda. Assentou os seus arraiais na zona Mbundu, dos falantes do kimbundu e dos antigos reinos N'gola, N'dongo, Matamba, Kassanje — com a fundação da Missão do Dondo, em 25 de Maio de 1885, a primeira Metodista no interior, seguindo-se as de Pungu-A-Ndongo, em 13 de Setembro de 1885, Quiongua e Canandua, em 1890, Quéssua, em 1895. (WHEELER e PÉLISSIER, 2009, p. 127).

Os Congregacionistas, já desde 1880 e, posteriormente, a Igreja Unida do Canadá, 1886, instalaram-se no Bailundo. O concelho dessas igrejas, na zona do planalto central de Angola, segue de perto a estrutura social Ovimbundu. Lembre-se que à data da chegada desses missionários protestantes ao planalto central angolano, concretamente ao Bié, este território pertencia ainda ao então reino dos Ovimbundu. (NEVES, 2007, pp. 511–526). Há muito, na segunda metade do século XVII, que por motivos económicos as autoridades portuguesas acentuam a conquista dos territórios dos Bailundo. Na ordem dos acontecimentos estavam o progresso social e administrativo da colónia pela sujeição de Angola aos interesses do Brasil. (DELGADO, 1953). Ora, a organização social dos povos bailundo à volta do rei, regida por aldeamentos em palhotas colidia com o estilo urbano da implantação da administração portuguesa. Caracterizados por uma organização rural e votados aos costumes tradicionais, esses povos do Planalto Central angolano receiam e intentam, tal como muitos outros povos do futuro território angolano, resistir ao impacto da presença portuguesa. Suplantados pelas campanhas portuguesas na primeira década de 1900, os Bailundo vêm os seus territórios ocupados. O avanço colonizador português, a par da resistência Bailundo, impõe-se. Desde aí, as duas dimensões da organização social, rural (autóctone) e urbano (europeu) convivem, com sobreposição deste último ainda que com vários incidentes que vão alimentar a prenúnciação

dos tempos conturbados que se viveriam nos anos 60. (WHEELER e PÉLISSIER, 2009, p. 128).

Por essas razões, segundo Alexandre Valentim (2000, pp. 187–188)

Lisboa reaviva a partir dos anos 1920 o nacionalismo imperial, nas suas formas mais radicais, levando à constituição de um «Movimento de Defesa das Colónias». Os temas desse Movimento nada mais são senão os apregoados no campo da ideologia colonial do último quartel do século XIX, que afirma o carácter sagrado do império como objeto da «missão histórica» de Portugal e garante da sua sobrevivência. Derrubada a Primeira República, o regime salazarista revigora os ditames imperiais portugueses. Sob o Estado Novo, o governo de Lisboa concentra o poder, limitando a 5 Atente-se ao contexto da intensificação das missões protestantes no espaço colonial português, Angola, o rompimento das relações entre o Estado e a Igreja católica causadas pelo declínio da Monarquia e ascensão da Primeira República.

2.3 A função limitada dos governos colonias

A função limitada dos governos coloniais, reforçada pelas superintendência e fiscalização do poder central, vai, sob a diligência do comandante João Belo, seguir as novas bases orgânicas da Administração Colonial. Daí que, a seguir ao decreto n.º 12 421 (vide supra), se elabora o Estatuto Orgânico das Missões Católicas Portuguesas de África e Timor (decreto n.º 12.485, de 13.10.1926), do qual se firma o acordo entre o governo saído da revolução de 28 de Maio e a Igreja Católica portuguesa. Este decreto faz a declaração que as missões católicas (portuguesas) podem estabelecer-se nas colónias e exercer a sua ação civilizadora em todos os seus territórios.

Para o Estado, o decreto tem em vista combater a influência das missões estrangeiras, nomeadamente as protestantes, consideradas adversas ao interesse nacional e potencialmente subversivas. Tal intenção é reforçada pelo Ato Colonial, por Salazar em 1930, que dá preferência à Igreja Católica. No cerne dos propósitos estatais reside a obtenção do apoio institucional da Igreja para o exercício do controlo ideológico no Ultramar, que por si só o Estado se vê incapaz de praticar. A solicitação de parceria à Igreja Católica pelo Estado entrava, desta forma, a disseminação da consciência autonomista dos angolanos estimulada pelas missões protestantes, por um lado. Impede, por outro, a intervenção do clero autóctone na sociedade angolana e não deixa alargar os direitos políticos e civis para a população considerada indígena. (NASCIMENTO, 2017, pp. 261–262; 281; PACHECO, 2016, pp. 72–73)⁸. É o que se pode observar no diploma denominado Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique, que separa nas sociedades coloniais «civilizados» e «indígenas». (ALEXANDRE, 2000). A respeito do impacto político da doutrinação protestante em Angola,

importa sublinhar a solicitação secreta do Governador-Geral que avalia a interferência, direta ou indireta, nos acontecimentos do Norte de Angola das Missões Protestantes, tendo em vista os seus métodos 7 Bases Orgânicas da Administração Colonial, Carta Orgânica da Colónia de Angola: aprovada por Decretos n.os 12/421 e 12/499, respetivamente de 2 e 4 de Outubro de 1926, 1926, p. 5. 8 Destaca-se neste íterim, apesar de católicos, a hostilização do clero autóctone pelas autoridades portuguesas. Nos anos que se seguem a 1961, com a prisão do cónego Manuel das Neves pela PIDE, os padres africanos (o grupo dos católicos) vêem-se mesmo obrigados a comparências mensais na PIDE e sujeitos a humilhações na sua condição de clérigos, de atuação na evangelização dos povos nativos de modo a determinar até que ponto é possível e desejável enquadrar a ação dessas Missões, em todas as facetas que diretamente se não prendam com o ensino do Evangelho, nos planos governamentais de Assistência, de Reordenamento Rural e de Desenvolvimento Comunitário.

Em 1964, percebe-se da agenda da visita do Governador-Geral de Angola, general Silvino Silvério Marques, à Metrópole, a vontade de as autoridades robustecerem o controlo do território, local e externamente, quanto à oposição às políticas portuguesas. Para tal, conforme os registos da correspondência de Angola É o caso dos missionários protestantes. Excedem às competências do Governo-Geral da Província, exercem influência nos meios políticos dos respetivos países e nos seus órgãos de informação (EUA e Canadá). Pelo que se apela contenção para evitar que essa influência continue a exercer-se em contrário da política nacional em relação ao Ultramar. Já em 1967, em virtude das relações diplomáticas e da situação do conflito armado no distrito do Moxico, os cónsules britânico e americano, em Luanda, ordenam a todos os missionários protestantes e seus compatriotas que se encontram em atividade que abandonem o referido distrito

Os movimentos profético-salvíficos: o tokoísmo Considera-se na sequência do impacto missionário protestante em Angola e da pronta intervenção das autoridades portuguesas (preservar a unidade do projeto imperial), sobretudo a distinção pelo regime colonial entre «civilizados» e «indígenas» (os indígenas são regidos, não pelo direito geral, mas pelos usos e costumes tradicionais tutelados pelo Estado) e a codificação do regime de trabalho, obrigatório, não desincentiva o desejo de os angolanos se desfilarem da tutela portuguesa. A consciência separatista em Angola cresce cada vez mais entre os anos 1940 e 1960. A par dos movimentos políticos, também os movimentos profético-religiosos apregoam esperanças de libertação ao povo. Em Angola, com base no catolicismo e, a seguir, no protestantismo, substitutos das crenças tradicionais, nasce o tokoísmo. Movimento profético, o tokoísmo

desponta no panorama dos movimentos religiosos africanos, no século XX, que pretendem africanizar o cristianismo e 9 PT/TT SCCIA, Atividades das Missões Protestantes em Angola, Relatório da Situação n.º 17, 11 de Maio de 1962, cx. 234, Processo de Informação n.º 24. 10 PT/TT AOS, Correspondência sobre Angola, Situação Interna em Angola: pedido de medidas de emergência. Telegrama e cartas enviadas ao Presidente do Conselho/Agenda da visita do Governador-Geral de Angola à Metrópole, 1964, CO/UL – 41, pasta n.º 14, fls. n.os 219-221. 11 PT/TT PIDE/DGS, AC Del Luso Processo de Informação 2197, Unidade de Instalação 6951 (Confidencial, Missões Evangélicas/Moxico) ver Deus com os próprios olhos.

A mensagem cristã (universal) é adotada por precursores locais que a espalham no intuito de libertar o povo da servidão dos sistemas coloniais. (NGOENHA, 1993, p. 137). Fundam-se, sob a égide de figuras carismáticas (profetas) africanas, igrejas locais cuja doutrina e discurso desembocam na consciencialização do povo e na aspiração da liberdade. A nova mensagem, de inspiração cristã, não é compatível com o ordenamento jurídico e político-social imposto. A instrução religiosa leva, por isso, algumas figuras das diversas confissões religiosas a apresentarem-se como defensoras dos direitos e da dignidade que os autóctones deveriam merecer dos poderes coloniais. São os casos de Simão Gonçalves Toko, com o tokoísmo (Angola), de Simon Zeferin Lassy, com o lassismo (Ponta Negra, Congo Brazzaville), de Simon Kimbangu, com o kimbanguismo (Congo Léopoldville), entre outros. Definindo tais movimentos, resume discutivelmente Balandier (1971, p. 421): Trata-se de agrupamentos religiosos formados por secessão a partir das missões cristãs (de onde a classificação de igrejas separatistas), ou criados por imitação daquelas e cujo elemento central é uma personalidade profética que anuncia uma espécie de «idade de ouro». Tais agrupamentos, que exercem um grande poder de atracção, parecem instáveis enquanto igrejas organizadas, mas duradoiras quanto à necessidade que satisfazem e aos fins que prosseguem. As igrejas nascem e desaparecem, mas o movimento messiânico mantém-se com notável permanência há várias décadas. O fenómeno tem simultaneamente significado cultural e representa uma reacção contra a introdução, em grande parte coerciva, de elementos culturais estranhos e sociológicos, pois revela um retomar de iniciativa da sociedade dominada e manifesta uma tentativa de reorganização social. Nos 1950 e 1960, entre os muitos movimentos religiosos africanos, o que atinge maior expansão em Angola é o tokoísmo, que tem grandes afinidades com o kimbanguismo, embora cada um dos «profetas» tenha seguido o seu próprio caminho. O fundador do tokoísmo é Simão Gonçalves Toko. Nasceu em 24 de Fevereiro de 1918 numa família de agricultores em Sadi-Zulomongo, povoação de Maquela do Zombo, Uíge (Angola).

Estuda na Missão Baptista de Kibokolo, sob tutela dos missionários da Sociedade Missionária Baptista (SMB), até 1933, quando é transferido para Luanda a fim de continuar com o Ensino Secundário. Em 1936, conclui o 2.º ano do Curso Liceal no Liceu Salvador Correia, em Luanda. Em 1937 regressa à missão de Kibokolo, onde se ocupa no ministério do ensino. Porém, em Outubro do ano seguinte é oficialmente transferido pelos missionários da SMB para Léopoldville, agora na British Missionary Society (BMS), congénere daquela na qual Toko trabalhara em Kibokolo e no Bembe. Empregado nessa missão batista, anos depois passa a evangelizar por conta própria, sobretudo depois de alguns contactos com o kimbanguismo, com o Exército de Salvação e com as Testemunhas de Jeová. (GABRIEL, 1975, p. 614). A legitimidade de Simão Toko como afirma-se arauto de uma mensagem cristã nova é inusitada. Segundo ele afirma, o Espírito Santo havia descido sobre ele, enquanto estava em oração na noite de 25 de Julho. Depois disto, passa a pregar uma nova doutrina. Afirma que a Bíblia dos brancos não está completa, pois haviam subtraído uma página com a afirmação de que Cristo é «negro». (VAZ, 1970, pp. 125–127). Residindo em Léopoldville, as autoridades belgas, já preocupadas com outras seitas religiosas, prendem Simão Toko juntamente com os seus correligionários angolanos. Em Janeiro de 1950 repatriam-nos para Nóqui, Uíge (Angola)(CUNHA, 1959, p. 30; KISELA, 2004, p.

2.4 O impacto de Simão Toko e seus ideias e convicções religiosas

O governo português de Angola fixa-os no Vale do Loge, onde Simão Toko consegue desenvolver grande proselitismo, difundindo os seus ideais e as suas convicções religiosas. (HENDERSON, 1990). A experiência de Toko em Léopoldville, pela concretização da independência do antigo território belga em Junho de 1960, e a intensificação da repressão portuguesa em Angola, desencadeada em virtude dos acontecimentos de 15 de Março de 1961, no Norte de Angola, estimulam-no no apoio religioso às populações em êxodo. Apesar dos óbices e das proibições das políticas coloniais, o tokoísmo muito contribui para a propagação da consciência africana entre os povos de Angola, uma vez que fixam residência ao seu fundador amiudadamente em vários pontos de Angola. Na agenda da visita do Governador-geral de Angola general Silvino Silvério Marques à Metrópole, em 1964¹², faz-se saber que — em virtude dos acontecimentos de 1961, revolta iniciada em 15 de Março no Norte de Angola que marca o início da luta de libertação, pois Portugal escolheu fazer a guerra do que aceitar a independência de Angola (ALVES e GARCIA, 2017, p. 283; jornal Diário de Notícias¹³) da influência do tokoísmo e não só, os meios de ação para a melhoria das condições de vida das

populações tinham sido concentrados no Norte. Todavia, segundo o Governador Silvino Marques não se podem esquecer as restantes regiões da província cuja consciência de resistência anticolonial se vai generalizando. A título exemplificativo cita «o extraordinário surto tokoista verificado especialmente nos últimos dois 12 Em 1961, em virtude dos acontecimentos do Norte de Angola, as Associações Económicas de Luanda solicitam medidas de emergência do Presidente do Conselho, Salazar. PT/TT AOS, CO, UL, 39, pasta 8. Telegrama e cartas enviadas ao Presidente do Conselho pelas Associações Económicas de Luanda, Lobito e em Benguela e a propaganda do SWAPO¹⁴ no Sul da Huíla»¹⁵. Sobre os tokoistas, a PIDE receia que o seu culto sirva para disfarçar uma organização subversiva em curso. Para o governador, urge implementar ações sistemáticas das autoridades para neutralizar o tokoísmo, dada a potencialmente a maciça adesão popular. No período após a Segunda Guerra Mundial, estes movimentos proféticos, em especial o tokoísmo em Angola, empenham-se na consciencialização do povo nativo para a libertação. Há quem os veja como fomentadores das revoltas africanas, equiparando-as aos movimentos de libertação nacional. (TOKAREV, As administrações coloniais, por exemplo, temem do seu potencial subversivo e separatista. Uma análise mais cuidadosa não justifica tais asserções. Claramente, o tokoísmo não é um movimento político. No entanto, as suas atividades estimulam os líderes dos grupos políticos que se mobilizam para enfrentar as autoridades coloniais. Segundo Cléria Ferreira (2012, p. 94), durante a colonização portuguesa na década de 60, a contribuição tokoista é favorecida nos termos de uma passiva «resistência religiosa». É em nome do mesmo povo (sofredor) que todas as forças autóctones se devem dedicar à libertação de Angola. Além disso, na adesão popular ao movimento, incluem-se os vários ativistas da consciência emancipalista de Angola. Este movimento veiculado por Simão Toko tem bastante influência em tomadas de posições anticoloniais. (SANTOS, 1972, p. 276).

2.5 Críticas do Tokoísmo

O tokoísmo, não foi poupado de críticas nem de acusações. As sublevações de Luanda e do Norte de Angola de 01 de Fevereiro e 15 de Março de 1961 que marcam o início da luta de libertação nacional, as autoridades coloniais imputam (também) responsabilidades ao movimento religioso tokoista; já os críticos da dominação colonial, em virtude de tal enfrentamento, consideram de «mágico» o movimento de Simão Toko. (RANGER, 2010, p. 65). As razões tais considerações atêm-se no incitamento ao destemor 14 South West Africa People's Organization (Organização dos Povos do Sudoeste Africano). Movimento do Sudoeste

Africano, SWAPO, é integrado por indivíduos pertencentes aos povos da mesma etnia com os do Sul de Angola — Herero, Ovambo e Okavango. Sublinha-se, desta feita, em virtude da situação colonial, as relações de solidariedade nas quais quer os movimentos angolanos quer os namibianos se previnem da intolerância dos regimes coloniais (Portugal e a República da África do Sul) que simboliza a cooperação entre as elites independentistas. (suicídio) de os angolanos enfrentarem as forças da ordem independentemente do seu arsenal bélico. Eduardo dos Santos (SANTOS, 1972, pp. 429–435), apelando para as autoridades de direito do perigo dos movimentos angolanos no decurso da década de 60, considerou-os, incluindo o tokoísmo, de terroristas. Na evolução do tokoísmo ao lado dos movimentos políticos, importa destacar que nascidos embora no contexto de resistência aos projetos coloniais, coabitam em prol do mesmo povo com esses movimentos independentistas constituindo um exemplo de vitalidade e agência no que se refere à persistência e à transnacionalização dos movimentos religiosos no mundo¹⁶. Conhecem (em particular o tokoísmo) uma redefinição religiosa como igrejas universais além das fronteiras alegadamente étnicas Bakongo, nacionais (angolanas) ou continentais (africanas) que marcam os primeiros tempos. Lembra-se que o sociólogo Balandier sublinhou a presença de «elementos culturais estranhos» no seio desses movimentos proféticos. Em Angola, o tokoísmo é hoje a segunda maior igreja cristã a seguir à Igreja Católica e a única de cariz autóctone com implantação em nível nacional. (BLANES, 2009, p. 14; BLANES e SARRÓ, 2015, p. 171).

A força motriz para essa possibilidade, desempenho conjunto e rivalizado dos três movimentos de libertação a UPAFNLA, o MPLA e a UNITA que conduziram a fase final do nacionalismo independentista angolano, deu-se também com a mediação religiosa. Sublinha-se, em particular, a contribuição protestante e do tokoísmo. A implantação das missões protestantes no final de Oitocentos incitou, dentre os seus princípios pastorais e evangélicos, a formação da consciência política das elites independentistas emergentes afetas aos movimentos de libertação — UPA-FNLA, MPLA e Para uma compreensão do tokoísmo a partir da sua simbologia e doutrina veja-se: (Essas missões instalaram-se, em Angola, acompanhando a ocupação colonial portuguesa que repartiu o território em três regiões: Norte (Bakongo, língua kikongo), Centro (Luanda-Mbundu, língua kimbundu) e Sul (Ovimbundu, língua umbundu).

Os fundadores e a maior parte da elite da UPA-FNLA, movimento formado no Norte de Angola que protagonizou o levantamento contra as autoridades portuguesas em 1961, dando início à luta de libertação, são apoiados (bolsas de estudo no estrangeiro) pela Sociedade Missionária Baptista que se instalara no Norte, região Bakongo, desde 1878. Nos anais da

implantação desta Missão, primeira igreja protestante em Mbanza Kongo, destacam-se dois homens kikongo, Nlemvo e Nekaka, que contribuíram de modo muito especial para a edificação da igreja no seio das suas gentes. Desde a ereção de estruturas à pregação da Palavra, estes homens puderam traduzir e ensinar as Escrituras na língua dos kongueses, kikongo. Sublinhese que é do avô, Nekaka, que Holden Roberto (presidente da UPA-FNLA) herdou a determinação e a perseverança que moldaram tanto o seu carácter como a sua bravura na defesa de uma futura Angola emancipada da autoridade portuguesa. Não admira, pois, por influência missionária batista no Norte de Angola, a elite da UPA-FNLA fosse protestante e maioritariamente originária da região norte do território colonial. O MPLA é outro movimento que beneficiou do apoio missionário protestante. Embora fosse constituído maioritariamente por católicos, parte da sua elite incluindo figuras do topo, Agostinho Neto (presidente), Domingos Francisco da Silva (vice-presidente), Deolinda Rodrigues e outros, são fruto da igreja Metodista. É pela missão Metodista que muitos adquiriram bolsas de estudo para o estrangeiro.

Donde Agostinho Neto, por Angola, pode destacar-se a partir da Metrópole como poeta, nacionalista e estadista. Originários em maioria do Sul de Angola (Planalto Central), a UNITA, movimento de Jonas Savimbi, a par da UPA-FNLA e do MPLA, também foi professante do protestantismo, do Conselho Americano de Comissários para as Missões Estrangeiras, Congregacionistas, que se instalou no Bailundo desde 1880 e outras confissões congêneres aos quais grande parte dos integrantes recebe instrução das primeiras letras e outros apoios da pastoral protestante, marcando a consciência política revolucionária do movimento. É deveras importante destacar, ao lado do apoio protestante, a mobilização do tokoísmo para o apoio espiritual e social das populações de Angola. Na sociedade angolana da época, outras confissões religiosas, particularmente o cristianismo protestante, não era bem vista pelas autoridades coloniais, que privilegiavam a parceria católica. Tão menos poderia se esperar o movimento de Simão Toko, considerado herético e instigador de violência. Contudo, não sendo um movimento político, em nome do mesmo povo sofredor, oprimido pela lei do Indigenato e do trabalho forçado, o tokoísmo desenvolveu as suas atividades estimulando os protagonistas políticos no enfrentamento do regime colonial. Ademais, as perseguições desencadeadas pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado no sentido de coibir os objetivos africanos de visualizar Deus na perspectiva de Simão Toko, tornaram-se contraproducentes e, inclusive, deram visibilidade do movimento na extensão do território.

A integração de Simão Toko e seus sequazes, expulsos do Congo ex-Belga, em Angola pelas autoridades portuguesas, distribuindoos nos vários centros de trabalho, do norte ao sul,

fez com que o tokoísmo amparasse e consciencializasse as populações na causa e crença da libertação. A experiência da colonização encarada passivamente pelos (missionários católicos) europeus justificou, doutrina tokoísta, o anúncio de um Deus amigo dos sofredores, consolador dos angolanos e inspirador da libertação. Referências ABREU, A. F.

A Igreja Católica e a Primeira República. *Humanística e Teologia*, v. 31, n. 2, pp. 157–186, 2010. ALEXANDRE, V. *Velho Brasil, novas Áfricas: Portugal e o império (1808-1975)*. Porto: Edições Afrontamento, 2000. ALEXANDRE, V. *Contra o vento: Portugal, o império e a maré anticolonial (1945-1960)*. Lisboa: Circulo de Leitores, 2017. ALVES, T. e GARCIA, J. L. «Para Angola, rapidamente e em força»: a mobilização para a guerra na imprensa portuguesa e o seu debate internacional. In: GARCIA, J. L.; ALVES, T.; LÉONARD, Y. (Eds.). *Salazar, o Estado Novo e os media*. Lisboa: Ed. 70, 2017. BALANDIER, G. *Sociologie actuelle de l’Afrique noire*. 3a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1971. BATSÍKAMA, P. *Tokoísmo: Filosofia da Libertação*. Luanda, Angola: Solwidi, Lda, 2017. BAUER, J. *2000 anos de cristianismo em África: uma história da igreja africana*. LisboaLuanda-Maputo: Paulinas, 1994. BLANES, R. L. O Messias entretanto já chegou: relendo Balandier e o profetismo africano na pós-colónia. *Campos Revista de Antropologia Social, Geração, presença e memória: a Igreja Tocoísta em Angola*. *Etnográfica*, Etapas marcantes no Metodismo angolano no último século. In: *Igreja Metodista Unida de Angola: a caminhada histórica na liderança do episcopado metodista angolano (1972-2000)*. Aspectos dos movimentos associativos na África negra. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1958. CUNHA, S. Aspectos dos movimentos associativos na África negra. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1959. *História de Angola: terceiro período (1648-1836)*. Lisboa: Edição do Banco de Angola, 1953. *tokoísmo como elemento de identidade angolana: 1950-1965*. Lisboa: Lisboa, Faculdade de Letras, Angola cinco séculos de cristianismo. Queluz: Literal, 1975. *Uma Igreja jovem em Angola: História da Igreja Evangélica Baptista em Angola (1975-2002)*. Queluz: Centro de Publicações Cristãs. *A igreja em Angola: um rio com várias correntes*. Angola: Simão Toco: a trajetória de um homem de paz. Luanda: Nzila, 2004. LARA, *Um amplo movimento: itinerário do MPLA através de documentos e anotações*.

2.6 . Discursos e Acção das missões protestantes na evolução do nacionalismo angolano.

Um outro papel neste âmbito, com contornos diferentes, foi desempenhado pela Igreja Protestante. As Igrejas protestantes exerceram o seu contributo na formação e no despertar da consciência dos nativos angolanos, através do ensino ministrado nas escolas e nas missões.

Ao contrário das católicas, as Missões protestantes, eram dominadas pelos missionários americanos, canadianos, britânicos que, no exercício dos seus ministérios, foram além do seu campo de acção missionária para a situação política, acabando por serem activistas contra a administração do governo colonial. Isto levou a um conceito de religiosidade que confundia os fiéis, uma vez que estava longe de ser a missão no verdadeiro sentido da respectiva actividade.

A exemplo do papel desempenhado pela Igreja Católica, “o protestantismo ajudou a elevar o grau dos angolanos considerados assimilados, formados nas missões que, uma vez mobilizados pelos líderes nacionalistas, viriam ser peças fundamentais na politização das populações rurais” (Capoco, 2013, p. 130).

De acordo com o mesmo autor, o próprio Agostinho Neto, filho de um pastor metodista, e Jonas Savimbi, são disso um exemplo evidente do papel desempenhado pelas Missões protestantes no contexto histórico do nacionalismo emergente.

Lopes e Capumba (2014, p.149), subscrevem que a Igreja protestante partilhou as seguintes zonas de influência em Angola:

“Os Metodistas ocuparam o corredor de Luanda - Malanje a partir de 1885; a região sul foi ocupada pelas Missões Congregacionais (americanas e canadianas), a partir de 1887, tendo-se implantado no seio da população de língua umbundu; a Sociedade Missionária Baptista da Inglaterra (BMS), instalou-se entre os povos de língua Kikongo, a partir de 1887.

Ainda de acordo com os mesmos autores, os metodistas tinham como centro principal a Missão do Késsua, em Malanje. Os congregacionais do centro Sul tinham como centros Missões do Dondi, Chiliesso e mais tarde o Chissamba, todos no território angolano. Os Baptistas, os centros situavam-se fora do território nacional, isto é no Congo Belga, nas Missões de Mbaza Ngungu e Ngonbe Lutete, os mais próximos de Angola. Samuel Chiwale (s.d. p.19), continua e escreve:

"Os Baptistas fundaram no norte as missões de Quibocolo e do Bembe. Quibocolo que mais tarde viria a ser o principal centro missionário Baptista de Angola. No centro e norte de Angola destaca-se os metodistas. Das várias outras Missões que foram criadas, o Késsua, nos arredores de Malanje, consagrou-se no principal centro do metodismo Angolano, ou como lhe chamou o Júlio Gonçalves, «a meca do protestantismo angolano». Os congregacionais fundaram inúmeras Missões como: Kamundongo, Chissamba, Mungo, Elende, Chiliesso, Dondi, etc. Porém, a que mais se destacou foi a missão do Dondi, considerada por Samuel

Chiwali como “a fina flor dos intelectuais do centro e sul de Angola”. De acordo com o mesmo autor, a estrutura organizativa das missões evangélicas, eram muito simples, se bem que funcional, os centros a par da vocação religiosa, eram verdadeiros locais de ensino. Dai o facto de elas estarem na mira da administração colonial por suspeitar serem viveiros da subversão dos africanos. Isto porque era notória a abertura, a liberdade de pensamentos nos estudantes que frequentavam as escolas destas missões, bem como o facto de estas missões optarem pelo ensino da língua, cultura e civilização, diferentemente das escolas públicas coloniais e católicas. Coube a estas missões a missão histórica de reformular as mentalidades e a tomada de consciência nacionalista. Os angolanos formados nestas missões incutiam ensinamentos aos africanos que começavam a criar ideias de que tudo o que fosse de Portugal deveria ser combatido” (Lopes e Capumba, 2014, p.149).

Estas missões eram mais abertas as ideias nacionalistas, pois, passavam ideias socioculturais para despertar a consciência dos africanos. Foi concretamente nestas missões onde foram forjados a nata de nacionalistas angolanos que mais tarde viriam se tornar os principais dirigentes dos Movimentos de Libertação Nacional. Tal como afirma Muekalia, justificando a ideia de que “não é por acaso que os líderes das três organizações políticas que encarnaram a luta armada anticolonial vieram das missões protestantes. Agostinho Neto, veio da igreja Metodista; Holden Roberto, da igreja Baptista e Jonas Savimbe, da igreja Evangélica”.

Antunes (1996, p.92), corrobora dizendo que

“os futuros dirigentes nacionalistas de Angola foram quase todos ajudados pelas igrejas protestantes. Agostinho Neto estudou com bolsa da missão metodista, Holden Roberto estudou em Kinchassa, com os missionários Baptistas, também metodista, eu com os missionários congregacionistas, Daniel Chipenda também com os congregacionistas”.

Em suma, todas estas missões deram um forte contributo para a emancipação do homem e da mulher angolana. Foram nestas missões que boa parte dos angolanos com particular realce aos excluídos do sistema colonial português encontravam a oportunidade para a sua formação académica e profissional. Nas escolas primárias, 1º Ciclo Liceal, podiam encontrar assistência medico-medicamentosa, bem como aprendiam os ofícios nas oficinas das mesmas e a palavra sagrada. Outrossim aprendise com o facto de a educação das missões protestantes possuir um carácter mais libertador.

2.7 Intervenção da Igreja Protestante no Território Angolano

É nos finais de Oitocentos que se vislumbra a presença protestante em Angola. O primeiro registo respeita à Sociedade Missionária Baptista Inglesa (SMB), que se instala em São Salvador do Kongo, em 1878. Segue-se-lhe, em 1880, o Conselho Americano de Comissários para as Missões Estrangeiras, Congregacionistas, com sede no Bailundo. Em 1882, é a vez da Sociedade Missionária Baptista Americana no Estrangeiro, que também se fixa no Bailundo. A Igreja Episcopal Metodista instala-se em Luanda, em 1885, e a Igreja Unida do Canadá, no Bailundo, em 1886. As Missões Cristãs em Muitas Terras chegam em 1889. Em 1890, no Bié, instalam-se Os Irmãos de Plymouth. Sete anos mais tarde, em 1897, a Missão Filafricana ocupa-se da região de Caluquembe. A Liga Evangélica de Angola chega em 1897. A Aliança Cristã e Missionária, em 1907. A Missão Geral da África do Sul, em 1914. Já os Adventistas do Sétimo Dia, chegam em 1924, começando por se fixar em Cabinda. (WHEELER e PÉLISSIER, 2009)

A chegada protestante, em Angola, segue em crescendo, embora não de um modo predefinido ou dirigido. Apesar das suas intenções de missão, todas as confissões religiosas têm uma visão diferente da sociedade de Angola. A certeza é que as localidades por onde os missionários se enraízam se vão identificando com a «nova» doutrina trazida, adotando-a, inclusive, na sua idiossincrasia e no quotidiano social.

Por força dessas influências, as comunidades locais despertam não só segundo os princípios religiosos, mas também cultural, económica, social e politicamente. Coteje-se, a esse propósito, a correspondência de 1961 dos serviços ultramarinos angolanos (Informação n.º 661/61-GU) enviada à Presidência do Conselho, Ministérios do Ultramar, Interior, Defesa Nacional, Exército e ao Subsecretariado da Aeronáutica na qual se dá fé das atividades da organização americana CLA, Comité de Libertação de África, nos territórios portugueses. Das várias atividades e intenções essa organização, composta também por judeus americanos capitalistas, com colaboração de elementos dos partidos oposicionistas aos Governos de Portugal e Espanha exilados no Brasil, pretende em primeira mão usufruir benefícios em Angola e Moçambique, por exemplo, através das confusões e desordens por si financiadas. Em Moçambique, os interesses do CLA concentram-se na região do Tete. Já em Angola, Barra do Dande, Lifune, Benfica, Cabinda, Luanda, Dundo, Saurimo, Malange, ou seja, todos os centros onde se encontram os jazigos petrolíferos, minas de diamantes e minas de material radioativo. Aliás, conforme se verifica na mesma correspondência, a penetração efetiva do CLA tem sido

executada através das Missões Protestantes, tendo como «intermediária» a Missão dos Adventistas do Sétimo Dia e outras³.

No fervilhar do nacionalismo africano 3 PT/TT AOS/CO/PC, Atividades da Organização Americana CLA, Informação n.º 66/61-GU, 77, pasta 52, n.º 217, 3 de Maio de 1961.

no contexto do desenvolvimento da África depois da experiência da Segunda Guerra Mundial, as comunidades angolanas beneficiam, em larga medida, da solidariedade eclesial protestante. Este apoio molda, em particular, as elites dos próprios movimentos de libertação como a UPA-FNLA, o MPLA e a UNITA. Embora a elite do MPLA se constituísse com mais elementos católicos. (MARCUM, 1969; ROSAS, 2015).

A chegada do protestantismo em Angola não era recente. Em 1878, em São Salvador do Kongo, a Sociedade Missionária Baptista Inglesa dedicou-se à ação pastoral no Norte de Angola. Enquanto os angolanos estão refugiados no Congo Léopoldville, a ação dos batistas estendeu-se nas vilas e cidades. Formou-se, em 1968, a Associação das Igrejas Batistas no Exílio (ACEBA) que não só mantém viva a determinação de incentivar o regresso e a PT/TT AOS/CO/PC, Atividades da Organização Americana.

2.8 Os Congregacionistas de 1880

Os Congregacionistas, já desde 1880 e, posteriormente, a Igreja Unida do Canadá, 1886, instalaram-se no Bailundo. O concelho dessas igrejas, na zona do planalto central de Angola, segue de perto a estrutura social Ovimbundu. Lembre-se que à data da chegada desses missionários protestantes ao planalto central angolano, concretamente ao Bié, este território pertencia ainda ao então reino dos Ovimbundu. (NEVES, 2007, pp. 511–526). Há muito, na segunda metade do século XVII, que por motivos económicos as autoridades portuguesas acentuam a conquista dos territórios dos Bailundo. Na ordem dos acontecimentos estavam o progresso social e administrativo da colónia pela sujeição de Angola aos interesses do Brasil. (DELGADO, 1953). Ora, a organização social dos povos bailundo à volta do rei, regida por aldeamentos em palhotas colidia com o estilo urbano da implantação da administração portuguesa. Caracterizados por uma organização rural e votados aos costumes tradicionais, esses povos do Planalto Central angolano receiam e intentam, tal como muitos outros povos do futuro território angolano, resistir ao impacto da presença portuguesa. Suplantados pelas

campanhas portuguesas na primeira década de 1900, os Bailundo vêm os seus territórios ocupados.

O avanço colonizador português, a par da resistência Bailundo, impõe-se. Desde aí, as duas dimensões da organização social, rural (autóctone) e urbano (europeu) convivem, com sobreposição deste último ainda que com vários incidentes que vão alimentar a prenúncia dos tempos conturbados que se viveriam nos anos 60. (WHEELER e PÉLISSIER, 2009, p. 128). As estações missionárias assumem adotando, no seu múnus pastoral, as funções da ombala, que é, na configuração social Bailundo, a aldeia do rei. (HENDERSON, 1990, p. 138). Penetrando nos meandros destes povos, os missionários protestantes valorizam os seus usos consuetudinários. Mais do que paternalismo, a influência protestante supera a alienação cultural, social e política imposta a esses povos pelas autoridades portuguesas. Dinamiza a «nova» sociedade estimulando as suas estruturas tradicionais a partir da doutrina cristã protestante.

Para os angolanos, os missionários protestantes, estrangeiros, tornam-se numa força essencial para a alteração do aspeto retrógrado das condições sociais impostas pelas autoridades administrativas. Estes benefícios, do esforço protestante, diante dos moldes da administração colonial não são explorados pelos angolanos de modo consciente. Quer os missionários quer as populações angolanas estão sob o domínio português. Todavia, com o andar do tempo, na década de 1960, a influência protestante arrojará a consciência autonomista angolana. (NEVES, 2007).

As missões estrangeiras impulsionam um dinamismo que resgata, e, ao mesmo tempo desperta a dignidade, os direitos sociais e aproxima os angolanos da evolução do mundo. O conhecimento dos outros povos, a circulação de ideias, as oportunidades de formação avançada no estrangeiro reabrem expectativas e possibilidades de modernização das sociedades locais.

A inclusão dos angolanos nas várias atividades de missionação, através de tarefas comunitárias, leva as populações locais a verem os novos agentes como aliados do desenvolvimento e da sua autoafirmação.

Os missionários desempenharam as funções de educadores, pastores e médicos. Ensinam a religião e a instrução nas línguas vernáculas, mas também traduzem as Sagradas Escrituras nas línguas locais, angolanas, tornando menos elitista o acesso à instrução e à educação

Concedem bolsas de estudos para alunos no estrangeiro a expensas das missões ou conforme as possibilidades das famílias.

Esse modo de proceder protestante dá alento e esperanças de tempos diferentes às populações, por um lado, mas, por outro, significa ameaça para os interesses portugueses. Para os administradores e os comerciantes locais, os missionários representam uma ameaça que faz perigar quer a autoridade portuguesa quer os ganhos dos comerciantes, concertados às políticas coloniais. As populações despertam a ponto de identificar a discriminação racial e social arraigada na colónia. Estes missionários trazem uma doutrina, mais aberta e inclusiva, nem sempre concordante com os interesses político-burocráticos e económicos vigentes.

Denominados hóspedes estrangeiros, por Lisboa e por Luanda, as autoridades metropolitanas não vêem com bons olhos o desenrolar das atividades missionárias protestantes. Suspeitando das atividades desses missionários protestantes, cujo destaque da missão recai na sua perigosidade política, as autoridades propõem-se à revisão das políticas do exercício religioso no território, preferindo, entretanto, revigorar as antigas parcerias com a Igreja Católica.

António de Oliveira Salazar, 1889-1970, é a figura política que marcou o fim da Primeira República implantada em 1910, transformando-a em Estado Novo, salazarista, em 1933. Findo o ciclo da Monarquia, contra todas as contrariedades políticas, é implantada a República em Portugal no ano de 1910. Todavia, a implantação da República não retira, nos círculos das elites políticas, o sentimento de insatisfação sobre a gestão da res publica.

Entrementes a 1910 e 1926 ergue-se um pronunciamento militar cujo fim era derrubar o regime parlamentar emergente da declaração da República. As causas de tal situação apreendem-se na crise política, económica e social em que o país se encontrava mergulhado, ao lado do crescente descrédito popular contra os sucessivos governos da Primeira República. A Primeira República e a sua marca constitucional-democrática termina, assim, com o golpe militar, em 1926, sucedendo-lhe o Estado ditatorial, salazarista, com a Constituição de 1933. É importante sublinhar a hegemonia política de Salazar e do seu Estado Novo, e a sua relação com a Igreja Católica, marcado no ano de 1930. Após um período de confrontação entre os que pretendiam apenas «regenerar» a república implantada em 1910 e os que queriam «fundar» uma nova ordem política, económica e social assente num Estado autoritário, o ano de 1930 pôs termo a esta confrontação com a derrota dos «regeneradores» republicanos, onde se destacavam os generais Vicente de Freitas e Ivens Ferraz, e a hegemonia real da corrente salazarista, com

destaque da entronização de Gonçalves Cereja como patriarca de Lisboa, amigo íntimo de Salazar. O ano de 1930 torna-se, assim, decisivo uma vez que subia ao topo da hierarquia da Igreja Católica a mesma matriz ideológica e política que conduzia os destinos do Estado. Para uma biografia de Salazar, veja-se (PINTO,2010).

Autonomia dos governos coloniais, conforme o preveem as Bases Orgânicas da Administração Colonial (decreto n.º 12.421, de 2-10-1926), nas quais Lisboa se torna o centro das decisões políticas e apela para a «unidade política do território colonial.

A função limitada dos governos coloniais, reforçada pelas superintendência e fiscalização do poder central, vai, sob a diligência do comandante João Belo, seguir as novas Bases Orgânicas da Administração Colonial. Daí que, a seguir ao decreto n.º 12/ 421 (vide supra), se elabora o Estatuto Orgânico das Missões Católicas Portuguesas de África e Timor (decreto n.º 12.485, de 13.10.1926), do qual se firma o acordo entre o governo saído da revolução de 28 de Maio e a Igreja Católica portuguesa. Este decreto faz a declaração que as missões católicas (portuguesas) podem estabelecer-se nas colónias e exercer a sua ação civilizadora em todos os seus territórios. As missões passam a gozar de personalidade jurídica e são subsidiadas pelo Estado, que as considera instituições nacionais. Para o Estado, o decreto tem em vista combater a influência das missões estrangeiras, nomeadamente as protestantes, consideradas adversas ao interesse nacional e potencialmente subversivas. Tal intenção é reforçada pelo Ato Colonial, por Salazar em 1930, que dá preferência à Igreja Católica. No cerne dos propósitos estatais reside a obtenção do apoio institucional da Igreja para o exercício do controlo ideológico no Ultramar, que por si só o Estado se vê incapaz de praticar. A solicitação de parceria à Igreja Católica pelo Estado entrava, desta forma, a disseminação da consciência autonomista dos angolanos estimulada pelas missões protestantes, por um lado. Impede, por outro, a intervenção do clero autóctone na sociedade angolana e não deixa alargar os direitos políticos e civis para a população considerada indígena. (NASCIMENTO, 2017)É o que se pode observar no diploma denominado Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique, que separa nas sociedades coloniais «civilizados» e «indígenas». (ALEXANDRE, 2000).

A respeito do impacto político da doutrinação protestante em Angola, importa sublinhar a solicitação secreta do Governador-Geral que avalia a interferência, direta ou indireta, nos acontecimentos do Norte de Angola das Missões Protestantes, tendo em vista os seus métodos de atuação na evangelização dos povos nativos. De modo a determinar até que ponto é possível e desejável enquadrar a ação dessas Missões, em todas as facetas que

diretamente se não prendam com o ensino do Evangelho, nos planos governamentais de Assistência, de Reordenamento Rural e de Desenvolvimento Comunitário.

Em 1964, percebe-se da agenda da visita do Governador-Geral de Angola, general Silvino Silvério Marques, à Metrópole, a vontade de as autoridades robustecerem o controlo do território, local e externamente, quanto à oposição às políticas portuguesas. Para tal, conforme os registos da correspondência de Angola.

É o caso dos missionários protestantes. Excedem às competências do Governo-Geral da Província, exercem influência nos meios políticos dos respetivos países e nos seus órgãos de informação (EUA e Canadá). Pelo que se apela contenção para evitar que essa influência continue a exercer-se em contrário da política nacional em relação ao Ultramar¹⁰.

Já em 1967, em virtude das relações diplomáticas e da situação do conflito armado no distrito do Moxico, os cônsules britânico e americano, em Luanda, ordenam a todos os missionários protestantes e seus compatriotas que se encontram em atividade que abandonem o referido distrito.

Conselho/Agenda da visita do Governador-Geral de Angola à Metrópole, 1964, CO/UL – 41, pasta n.º 14, fls. n.os 219-221. 11 PT/TT PIDE/DGS, AC Del Luso Processo de Informação 2197, Unidade de Instalação 6951 (Confidencial, Missões Evangélicas/Moxico), fl. n.º 465.

Os movimentos profético-salvíficos: O Tokoísmo considera-se na sequência do impacto missionário protestante em Angola e da pronta intervenção das autoridades portuguesas (preservar a unidade do projeto imperial), sobretudo a distinção pelo regime colonial entre «civilizados» e «indígenas» (os indígenas são regidos, não pelo direito geral, mas pelos usos e costumes tradicionais tutelados pelo Estado) e a codificação do regime de trabalho, obrigatório, não desincentiva o desejo de os angolanos se desfilarem da tutela portuguesa. A consciência separatista em Angola cresce cada vez mais entre os anos 1940 e 1960. A par dos movimentos políticos, também os movimentos profético-religiosos apregoam esperanças de libertação ao povo.

Em Angola, com base no catolicismo e, a seguir, no protestantismo, substitutos das crenças tradicionais, nasce o tokoísmo. Movimento profético, o tokoísmo desponta no panorama dos movimentos religiosos africanos, no século XX, que pretendem africanizar o cristianismo e ver Deus com os próprios olhos. A mensagem cristã (universal) é adotada por

precursores locais que a espalham no intuito de libertar o povo da servidão dos sistemas coloniais. (NGOENHA, 1993, p. 137).

Fundam-se, sob a égide de figuras carismáticas (profetas) africanas, igrejas locais cuja doutrina e discurso desembocam na consciencialização do povo e na aspiração da liberdade. A nova mensagem, de inspiração cristã, não é compatível com o ordenamento jurídico e político-social imposto. A instrução religiosa leva, por isso, algumas figuras das diversas confissões religiosas a apresentarem-se como defensoras dos direitos e da dignidade que os autóctones deveriam merecer dos poderes coloniais. São os casos de Simão Gonçalves Toko, com o tokoísmo (Angola), de Simon Zeferin Lassy, com o lassismo (Ponta Negra, Congo Brazzaville), de Simon Kimbangu, com o kimbanguismo (Congo Léopoldville), entre outros.

Definindo tais movimentos, resume discutivelmente Balandier (1971, p.421): Trata-se de agrupamentos religiosos formados por secessão a partir das missões cristãs (de onde a classificação de igrejas separatistas), ou criados por imitação daquelas e cujo elemento central é uma personalidade profética que anuncia uma espécie de «idade de ouro». Tais agrupamentos, que exercem um grande poder de atração, parecem instáveis enquanto igrejas organizadas, mas duradouras quanto à necessidade que satisfazem e aos fins que prosseguem. As igrejas nascem e desaparecem, mas o movimento messiânico mantém-se com notável permanência há várias décadas. O fenómeno tem simultaneamente significado cultural e representa uma reação contra a introdução, em grande parte coerciva, de elementos culturais estranhos e sociológicos, pois revela um retomar de iniciativa da sociedade dominada e manifesta uma tentativa de reorganização social.

Nos 1950 e 1960, entre os muitos movimentos religiosos africanos, o que atinge maior expansão em Angola é o tokoísmo, que tem grandes afinidades com o kimbanguismo, embora cada um dos «profetas» tenha seguido o seu próprio caminho.

O fundador do tokoísmo é Simão Gonçalves Toko. Nasceu em 24 de Fevereiro de 1918 numa família de agricultores em Sadi-Zulomongo, povoação de Maquela do Zombo, Uíge (Angola). Estuda na Missão Baptista de Kibokolo, sob tutela dos missionários da Sociedade Missionária Baptista (SMB), até 1933, quando é transferido para Luanda a fim de continuar com o Ensino Secundário. Em 1936, conclui o 2.º ano do Curso Liceal no Liceu Salvador Correia, em Luanda. Em 1937 regressa à missão de Kibokolo, onde se ocupa no ministério do ensino. Porém, em Outubro do ano seguinte é oficialmente transferido pelos missionários da SMB para Léopoldville, agora na British Missionary Society (BMS), congénere daquela na qual

Toko trabalhara em Kibokolo e no Bembe. (CUNHA, 1959, p. 30; KISELA, 2004, p. 23; SANTOS, 1972, p. 740)

Empregado nessa missão batista, anos depois passa a evangelizar por conta própria, sobretudo depois de alguns contactos com o kimbanguismo, com o Exército de Salvação e com as Testemunhas de Jeová. (GABRIEL, 1975, p. 614).

A legitimidade de Simão Toko como afirma-se arauto de uma mensagem cristã nova é inusitada. Segundo ele afirma, o Espírito Santo havia descido sobre ele, enquanto estava em oração na noite de 25 de Julho. Depois disto, passa a pregar uma nova doutrina. Afirma que a Bíblia dos brancos não está completa, pois haviam subtraído uma página com a afirmação de que Cristo é «negro». (VAZ, 1970, pp. 125–127).

Residindo em Léopoldville, as autoridades belgas, já preocupadas com outras seitas religiosas, prendem Simão Toko juntamente com os seus correligionários angolanos. Em Janeiro de 1950 repatriam-nos para Nóqui, Uíge (Angola). O governo português de Angola fixa-os no Vale do Loge, onde Simão Toko consegue desenvolver grande proselitismo, difundindo os seus ideais e as suas convicções religiosas. (HENDERSON,1990). A experiência de Toko em Léopoldville, pela concretização da independência do antigo território belga em Junho de 1960, e a intensificação da repressão portuguesa em Angola, desencadeada em virtude dos acontecimentos de 15 de Março de 1961, no Norte de Angola, estimulam-no no apoio religioso às populações em êxodo. Apesar dos óbices e das proibições das políticas coloniais, o tokoísmo muito contribui para a propagação da consciência africana entre os povos de Angola, uma vez que fixam residência ao seu fundador amiudadamente em vários pontos de Angola.

Na agenda da visita do Governador-geral de Angola general Silvino Silvério Marques à Metrópole, em 1964¹², faz-se saber que — em virtude dos acontecimentos de 1961, revolta iniciada em 15 de Março no Norte de Angola que marca o início da luta de libertação, pois Portugal escolheu fazer a guerra do que aceitar a independência de Angola (ALVES e GARCIA, 2017, p. 283; jornal Diário de Notícias¹³) — da influência do tokoísmo e não só, os meios de ação para a melhoria das condições de vida das populações tinham sido concentrados no Norte.

Todavia, segundo o Governador Silvino Marques não se podem esquecer as restantes regiões da província cuja consciência de resistência anticolonial se vai generalizando. A título exemplificativo cita «o extraordinário surto tokoísta verificado especialmente nos últimos dois 12 Em 1961, em virtude dos acontecimentos do Norte de Angola, as Associações Económicas

de Luanda solicitam medidas de emergência do Presidente do Conselho, Salazar. PT/TT AOS, CO, UL, 39, pasta 8. Telegrama e cartas enviadas ao Presidente do Conselho pelas Associações Económicas de Luanda, fls. n.os 471-473. 13 DIÁRIO DE NOTÍCIAS, «Discurso de António de Oliveira Salazar», 14 de Abril de 1961, p. 1. anos no Lobito e em Benguela e a propaganda do SWAPO¹⁴ no Sul da Huíla»¹⁵. Sobre os tokoístas, a PIDE receia que o seu culto sirva para disfarçar uma organização subversiva em curso. Para o governador, urge implementar ações sistemáticas das autoridades para neutralizar o tokoísmo, dada a potencialmente a maciça adesão popular.

South No período após a Segunda Guerra Mundial, estes movimentos proféticos, em especial o tokoísmo em Angola, empenham-se na consciencialização do povo nativo para a libertação. Há quem os veja como fomentadores das revoltas africanas, equiparando-as aos movimentos de libertação nacional. (TOKAREV, 1990; BATSÍKAMA, 2017; MBAH, 2010; TALI, 2001 SANTOS, 1965). As administrações coloniais, por exemplo, temem do seu potencial subversivo e separatista. (ALEXANDRE, 2017, pp. 30–31). Uma análise mais cuidadosa não justifica tais asserções. Claramente, o tokoísmo não é um movimento político. No entanto, as suas atividades estimulam os líderes dos grupos políticos que se mobilizam para enfrentar as autoridades coloniais. Segundo Cléria Ferreira (2012, p. 94), durante a colonização portuguesa na década de 60, a contribuição tokoísta é favorecida nos termos de uma passiva «resistência religiosa». É em nome do mesmo povo (sofredor) que todas as forças autóctones se devem dedicar à libertação de Angola. Além disso, na adesão popular ao movimento, incluem-se os vários ativistas da consciência emancipalista de Angola. Este movimento veiculado por Simão Toko tem bastante influência em tomadas de posições anticoloniais. (SANTOS, 1972, p. 276).

De acordo com Lúcio Lara (1997, p. 11),

O nome de Simão Toko está inscrito entre os indicadores do nacionalismo moderno como mobilizador da juventude dos anos cinquenta, sobretudo da juventude do Zombo, que teve um interessante papel cultural através de coros e outras ações políticas.

Movimento pacifista, o tokoísmo, não foi poupado de críticas nem de acusações. As sublevações de Luanda e do Norte de Angola de 01 de Fevereiro e 15 de Março de 1961 que marcam o início da luta de libertação nacional, as autoridades coloniais imputam (também) responsabilidades ao movimento religioso tokoísta; já os críticos da dominação colonial, em virtude de tal enfrentamento, consideram de «mágico» o movimento de Simão Toko.

(RANGER, 2010, p. 65). As razões tais considerações atêm-se no incitamento ao destemor 14 South West Africa People's Organization (Organização dos Povos do Sudoeste Africano). Movimento do Sudoeste Africano, SWAPO, é integrado por indivíduos pertencentes aos povos da mesma etnia com os do Sul de Angola — Herero, Ovambo e Okavango. Sublinha-se, desta feita, em virtude da situação colonial, as relações de solidariedade nas quais quer os movimentos angolanos quer os namibianos se previnem da intolerância dos regimes coloniais (Portugal e a República da África do Sul) que simboliza a cooperação entre as elites independentistas.

Estado Novo sobre o assunto, vejam-se os estudos de (ABREU, 2010

UNITA. Essas missões instalaram-se, em Angola, acompanhando a ocupação colonial portuguesa que repartiu o território em três regiões: Norte (Bakongo, língua kikongo), Centro (Luanda-Mbundu, língua kimbundu) e Sul (Ovimbundu, língua umbundu).

Os fundadores e a maior parte da elite da UPA-FNLA, movimento formado no Norte de Angola que protagonizou o levantamento contra as autoridades portuguesas em 1961, dando início à luta de libertação, são apoiados (bolsas de estudo no estrangeiro) pela Sociedade Missionária Baptista que se instalara no Norte, região Bakongo, desde 1878. Nos anais da implantação desta Missão, primeira igreja protestante em Mbanza Kongo, destacam-se dois homens kikongo, Nlemvo e Nekaka, que contribuíram de modo muito especial para a edificação da igreja no seio das suas gentes. Desde a ereção de estruturas à pregação da Palavra, estes homens puderam traduzir e ensinar as Escrituras na língua dos kongueses, kikongo. Sublinhe-se que é do avô, Nekaka, que Holden Roberto (presidente da UPA-FNLA) herdou a determinação e a perseverança que moldaram tanto o seu caráter como a sua bravura na defesa de uma futura Angola emancipada da autoridade portuguesa. Não admira, pois, por influência missionária batista no Norte de Angola, a elite da UPA-FNLA fosse protestante e maioritariamente originária da região norte do território colonial.

O MPLA é outro movimento que beneficiou do apoio missionário protestante. Embora fosse constituído maioritariamente por católicos, parte da sua elite incluindo figuras do topo, Agostinho Neto (presidente), Domingos Francisco da Silva (vice-presidente), Deolinda Rodrigues e outros, são fruto da igreja Metodista. É pela missão Metodista que muitos adquiriram bolsas de estudo para o estrangeiro. Donde Agostinho Neto, por Angola, pode destacar-se a partir da Metrópole como poeta, nacionalista e estadista.

Originários em maioria do Sul de Angola (Planalto Central), a UNITA, movimento de Jonas Savimbi, a par da UPA-FNLA e do MPLA, também foi professante do protestantismo, do Conselho Americano de Comissários para as Missões Estrangeiras, Congregacionistas, que se instalou no Bailundo desde 1880 e outras confissões congêneres aos reconstrução social, como capacita os jovens para a futura Angola, de Mbanza Kongo a Kibokolo. (HENDERSON, s/d, p. 112; WHEELER e PÉLISSIER, 2009, p. 126).

A Igreja Episcopal Metodista, chegada em 18 de Março de 1885 com o Bispo William Taylor, funda, em 22 de Março de 1885, a primeira Igreja Metodista Episcopal em Angola, na cidade de Luanda. Assentou os seus arraiais na zona Mbundu, dos falantes do kimbundu e dos antigos reinos N'gola, N'dongo, Matamba, Kassanje — com a fundação da Missão do Dondo, em 25 de Maio de 1885, a primeira Metodista no interior, seguindo-se as de Pungu-A-Ndongo, em 13 de Setembro de 1885, Quiongua e Canandua, em 1890, Quéssua, em 1895. (WHEELER e PÉLISSIER, 2009, p. 127).

Os Congregacionistas, já desde 1880 e, posteriormente, a Igreja Unida do Canadá, 1886, instalaram-se no Bailundo. O concelho dessas igrejas, na zona do planalto central de Angola, segue em crescendo, embora não de um modo predefinido ou dirigido. Apesar das suas intenções de missionação, todas as confissões religiosas têm uma visão diferente da sociedade de Angola. A certeza é que as localidades por onde os missionários se enraízam se vão identificando com a «nova» doutrina trazida, adotando-a, inclusive, na sua idiossincrasia e no quotidiano social. (CARVALHO, 2001; GRENFELL, 2012; HENDERSON, 1990).

Por força dessas influências, as comunidades locais despertam não só segundo os princípios religiosos, mas também cultural, económica, social e politicamente. Coteje-se, a esse propósito, a correspondência de 1961 dos serviços ultramarinos angolanos (Informação nº. 661/61-GU) enviada à Presidência do Conselho, Ministérios do Ultramar, Interior, Defesa Nacional, Exército e ao Subsecretariado da Aeronáutica na qual se dá fé das atividades da organização americana CLA, Comité de Libertação de África, nos territórios portugueses. Das várias atividades e intenções essa organização, composta também por judeus americanos capitalistas, com colaboração de elementos dos partidos oposicionistas aos Governos de Portugal e Espanha exilados no Brasil, pretende em primeira mão usufruir benefícios em Angola e Moçambique, por exemplo, através das confusões e desordens por si financiadas. Em Moçambique, os interesses do CLA concentram-se na região do Tete. Já em Angola, Barra do Dande, Lifune, Benfica, Cabinda, Luanda, Dundo, Saurimo, Malange, ou seja, todos os centros

onde se encontram os jazigos petrolíferos, minas de diamantes e minas de material radioativo. Aliás, conforme se verifica na mesma correspondência, a penetração efetiva do CLA tem sido executada através das Missões Protestantes, tendo como «intermediária» a Missão dos Adventistas do Sétimo Dia e outras³.

No fervilhar do nacionalismo africano no contexto do desenvolvimento da África depois da experiência da Segunda Guerra Mundial, as comunidades angolanas beneficiam, em larga.

2.9 As igrejas e o nacionalismo em Angola

2.9.1 Chegada da Congregação do Espírito Santo

Angola abre uma nova página com a chegada dos Missionários do Espírito Santo ao Ambriz a 14 de Março de 1866. Construíram dezenas de Missões, hospitais, Colégios, Escolas, Igrejas⁷. O Pastor Lawrence Henderson diz na sua História das Igrejas de Angola .

A implantação da Igreja Católica em Angola ficou a dever-se essencialmente à obra desenvolvida pela Congregação do Espírito Santo. Esta comunidade missionária desenvolveu um papel de grande importância na História da Igreja em Angola(...). os Padres do Espírito Santo ajudaram a construir a Igreja em Angola, a qual assentou em três pilares: nos catequistas, nas escolas e na abnegação. Os catequistas eram o meio de conquistar as almas, as escolas o meio para se construir uma comunidade cristã, e a abnegação ou renúncia a têmpera que deveria guiar e proteger o missionário no seu serviço divino.

Os primeiros quatro séculos de evangelização não trouxeram grandes resultados.

Monsenhor Alves da Cunha tentou explicar as causas do insucesso. Acuso os missionários de falta de metodologia, de pouco investimento na formação moral e, sobretudo, da falta do feminino. Monsenhor Alves da Cunha elogia o período que se segue, com a vinda dos Missionários do Espírito Santo (1866) e das Irmãs de São José de Cluny (1882): ‘As nossas actuais escolas, os numerosos centros de catequese, as visitas dos missionários, a formação cuidadosa da família cristã, a cooperação das irmãs missionárias, que as missões antigas nem conheceram, a frequência dos sacramentos, constituem Cf. COSTA, Cândido Ferreira, Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola. Espiritanos processo muito diferente do antigo e vão erguendo um edifício espiritual e social que a evangelização passada, por falta de método e experiência, nunca pôde realizar.

A economia de Angola foi profundamente alterada com a extinção do tráfico da escravatura, sobre o qual ela assentava. Começaram as sublevações, um pouco por todo o país. A Conferência de Berlim (1884-1885) definiu algumas regras de jogo e, no que diz respeito à Religião, decidiu que fosse possibilitada a entrada nas colónias africanas aos missionários de qualquer confissão religiosa. Os militares foram fazendo a ocupação do território. Mas, defende Benedict Schubert, ‘em Portugal, a Igreja católica era a Igreja do Estado. O Protestantismo, no entanto, meramente tolerado. Portugal tinha assinado o documento final da Conferência de Berlim, comprometendo-se a proteger e promover todas as Missões, independente da sua procedência nacional ou confessional. O Governo se atinha a este compromisso, via os Protestantes, porém, com desconfiança. Pelo facto de promoverem mais a língua e a cultura local em detrimento da portuguesa, fazia com que fossem vistos como factor estranho e incómodo.

O Decreto n.º 77 de 1921

A Revolução Republicana de 1910 trouxe crise à Igreja Católica e mais liberdade de acção aos Protestantes. Perante a lei e o direito, as Missões Católicas e Protestantes tinham uma posição igual. Mas como o objectivo era o ‘aportuguesamento’, os valores e as normas da cultura portuguesa, o general Norton de Matos, Governador de Angola, publicou o decreto 77, em 1921, para definir as regras de jogo. A liberdade religiosa é garantida e há que zelar pela melhoria das condições de vida do povo nativo e do aperfeiçoamento das suas capacidades, sem nunca pôr em causa a ordem pública.

Só na catequese se poderia falar a língua local. Os escritos tinham de ser em português, exceptuando-se os escritos religiosos onde se podia fazer uma edição bilingue. O Estado prometia contribuições financeiras aos professores europeus que ensinassem bem o português. As actividades das Missões eram vigiadas para ver se o efeito ‘civilizador’ não era posto em causa. Caso contrário, o governo ameaçava com a extinção e a proibição.

2.10 A Fundação de Missões Católicas

Angola tem já muitas Missões centenárias, sobretudo resultado dos investimentos dos Missionários do Espírito Santo. Basta ver o índice do livro de Cândido Costa para verificar a quantidade de missionários enviados para Angola no primeiro centenário (1966) de presença e o número de infra-estruturas construídas e postas a funcionar.

Adélio Torres Neiva apresenta números do centenário: ‘Em 1966, após 100 anos de presença em Angola, os Espiritanos tinham a seu cargo 10 paróquias e 61 Missões, onde trabalhavam 202 padres e 50 irmãos. Ao todo, tinham fundado 88 Missões’ 12. Estas Missões foram sendo fundadas ao longo dos tempos, de norte a sul. Por Angola já passaram 1028 Espiritanos, 502 dos quais portugueses. Os Missionários do Espírito Santo enviaram para ali, antes da independência, padres e irmãos franceses, holandeses, belgas, alemães, suíços e espanhóis. Agora, para além de muitos angolanos, ali trabalham espiritanos vindos de muitos países africanos.

É grande a contribuição científica dos espiritanos em Angola, sobretudo nas áreas da Linguística, da Geografia Descritiva, da Botânica e da Etnografia. São cerca de livros relacionados com a Linguística: ‘gramática, dicionários e vocabulários, métodos linguísticos e manuais de conversação, livros de leitura, educação cívica e moral, livros escolares, catecismos, manuais de oração e cantos, evangelhos e histórias sagradas, etc. Destes, cerca de dois terços são escolares, o resto são de carácter religioso. As línguas mais estudadas são: fiote, quioco, quicongo, quimbundo, mbunedo, ganguela, cwanhama, cuangar, dírico e muíla (...).de entre todos merecem ser destacados o P. Albino Alves Manso, com o seu Dicionário Etimológico Bundo-Português, o Dicionário Português Nhaneca do P. António Silva e a Gramática Mbundu do P. Francisco Valente. Na Geografia Descritiva merece referência o P. Carlos Duparquet com as suas Viagens na Cimbebásia, que fornecem elementos importantes para a cartografia. O mesmo P. Duparquet foi um botânico distinto a quem se atribui a delimitação das zonas flóricas e florestais do Sul de Angola. Em Etnografia, os muitos missionários escreveram nas revistas da época, em Portugal e França, salientando-se a figura do P. Carlos Estermann, o maior vulto da etnografia do sudoeste de Angola. Publicou a sua monumental obra Etnografia do Sudoeste de Angola (3 vols.), o que lhe valeu um doutoramento honoris causa, pela Universidade de Lisboa, para além de outras comendas.

A promoção cultural e social dos Espiritanos avalia-se pelo número de Colégios, Escolas de Formação de Professores, a fundação do Jornal Apostolado, a Rádio Ecclesia, a Casa dos Rapazes de Luanda, a Casa dos Rapazes de Nova Lisboa. Houve ainda uma aposta forte na formação do clero autóctone com a fundação dos seminários, sem dúvida, a ‘jóia da coroa’ do trabalho dos Espiritanos em Angola. Começaram pelo de Luanda, depois transferido para a Huíla e, finalmente, de regresso a Luanda, em 1932 (entre 1936 e 1961 matricularam-se 559 alunos, dos quais 34 foram ordenados padres). Foi fundado o Seminário de Lândana (Cabinda) em 1879, passando depois para Lucula e Cabinda (frequentaram este seminário 791 alunos, dos

quais 15 foram ordenados padres). O Seminário de Malanje foi fundado em 1927 (580 alunos e 24 padres). O Seminário da Caála, no Huambo, fundado em 1921, teve 1276 alunos, até 1962. O Seminário de Cristo-Rei, em Nova Lisboa (Huambo) abriu em 1947 e deu à Igreja padres. O Seminário de Silva Porto (Bié) foi colocado na cidade em 1963, depois de passar pelo Galangue e pelo Nambi. O Seminário do Jau teve origem no antigo Seminário da Huíla que serviu Luanda de 1882 a 1907, recomeçou em 1932 e transitou para o Jau em 1938. O Seminário do Espírito Santo, para formar padres para a Congregação, só seria fundado a 15 de Outubro de 1965, às portas do Centenário da chegada dos Espiritanos a Angola.

A celebração do Centenário da Congregação do Espírito Santo em Angola, em 1966, foi feita com um programa que juntou todos os Bispos, a 5 de Fevereiro, em Nova Lisboa, uma Exposição Missionária, uma Semana de Estudos Missionários, uma Festa de Acção de Graças e uma grandiosa manifestação de Fé.¹⁶ A Exposição Missionária .

O Seminário de Cristo-Rei, em Nova Lisboa (Huambo) abriu em 1947 e deu à Igreja 88 padres. O Seminário de Silva Porto (Bié) foi colocado na cidade em 1963, depois de passar pelo Galangue e pelo Nambi. O Seminário do Jau teve origem no antigo Seminário da Huíla que serviu Luanda de 1882 a 1907, recomeçou em 1932 e transitou para

o Jau em 1938. O Seminário do Espírito Santo, para formar padres para a Congregação, só seria fundado a 15 de Outubro de 1965, às portas do Centenário da chegada dos Espiritanos a Angola.

A celebração do Centenário da Congregação do Espírito Santo em Angola, em 1966, foi feita com um programa que juntou todos os Bispos, a 5 de Fevereiro, em Nova Lisboa, uma Exposição Missionária, uma Semana de Estudos Missionários, uma Festa de Acção de Graças e uma grandiosa manifestação de Fé.¹⁶ A Exposição Missionária

trava aos visitantes a actividade dos missionários durante cem anos: No campo da evangelização , Angola semeada de Missões (o número de fiéis aproxima-se dos dois milhões; no campo da instrução – Escolas em todas as Missões e muitas espalhadas pelo mato. Dezenas de livros escritos pelos missionários; no campo da formação profissional, oficinas em todas as missões, onde irmãos, mestres nas várias artes, formam milhares de artistas nativos; no campo da assistência hospitais, dispensários e farmácias, onde doentes de todas as cores e credos encontraram alívio para os seus sofrimentos.

Como diz John Bauer, ‘até aos anos 40 (século XX), os Espiritanos foram os únicos missionários em toda a Angola. Trabalhavam sob a direcção da Propaganda, mas estavam ligados ao Bispo de Luanda.

Depois dos anos 40, muitos Institutos de Vida Consagrada, Masculinos e Femininos, se instalaram em Angola. O Anuário Católico de 1988 (último que a Conferência Episcopal publicou) apresenta 19 Institutos Masculinos, 53 Femininos.

As Missões Estrangeiras fizeram a sua primeira expedição ao interior de África na direcção do Planalto Central. Em 1882, atingiram o Bié, que então ainda era um reino Ovimbundu. O mérito particular desta missão foi o de produzir um Novo Testamento em língua umbundu.

O Pastor Henderson refere a chegada dos primeiros missionários protestantes ao Norte de Angola: os enviados pela Sociedade Missionária Baptista de Londres (BMS) que chegaram a S. Salvador do Congo, em 1878. Ali se encontraram com o Rei do Congo que lhes pediu para ficarem na capital.

Os Metodistas foram os primeiros protestantes a evangelizar a tribo kimbundu. **William Taylor** foi eleito pela Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal dos EUA como Bispo da África, em 1884. Em Janeiro de 1885, embarcaram, de Nova Iorque rumo a Luanda, 45 americanos metodistas que foram recebidos pelo Governador-Geral, a 20 de Março de 1885. Foram criando Missões em Luanda e no interior. Taylor esteve em Angola de 1885 a 1896.²² Fernando Santos Neves, no seu livro Para Um Ecumenismo Omnitotidimensional em Angola, (impresso em Luanda em 1968, apreendido pela Pide na tipografia e reeditado em 1975) tem todo um capítulo sobre o momento ecuménico do protestantismo em Angola, escrito tendo como base textos do Pastor Henderson, de quem o autor é grande amigo de longa data. Ao falar das Missões Protestantes em Angola, salienta a do Dôndi, perto do Huambo: ‘merece especialíssimo relevo a Missão do Dôndi, cujas múltiplas actividades assistenciais, escolares e religiosas constituem, há muitos anos, impressionante testemunho da Caridade de Cristo a favor dos mais necessitados, material e espiritualmente.

2.11 Acordo Missionário de 1940

O oitavo centenário da independência de Portugal e o terceiro da sua Restauração, foram o pretexto da Santa Sé e do Governo Português para elaborarem uma Concordata.

Esta seria assinada a 7 de Maio de 1940, com um Acordo Missionário indexado, como seu complemento, para regular mais em pormenor as relações entre a Igreja e o estado, no que dizia respeito à vida religiosa no Ultramar português. Um ano depois, a 5 de Abril de 1941, publicou-se o Estatuto Missionário. D. Moisés Alves de Pinho, 34 anos bispo em Angola, diz nas suas Memórias: ‘Para o Ultramar, o Acordo Missionário ficou a ter o mesmo valor que a Concordata (...) Devo dizer, em abono da verdade, que nada tive a ver com a elaboração do Acordo Missionário, contrariamente ao que já alguém pretendeu afirmar. Adélio Torres Neiva, historiador, apresenta as notas mais significativas deste Acordo: ‘o reconhecimento por parte do Estado da personalidade jurídica às dioceses e institutos religiosos no Ultramar, assim como aos institutos missionários estabelecidos na Metrópole (art. 8.º); as missões católicas são consideradas instituições de utilidade imperial e sentido eminentemente civilizador (art. 2.º), podendo expandir-se livremente para exercer as formas de actividade que lhe são próprias (art.15.º); reconhece-se à Igreja o direito de propriedade, concedendo-lhe facilidades na sua utilização, os bens e objectos eclesiásticos são isentos de impostos e direitos alfandegários em larga medida (Estatuto Missionário, nn. 53 e 65); a divisão eclesiástica das colónias portuguesas é feita por dioceses e circunscrições missionárias (art.1.º)’²⁶. Este Acordo veio aprovocar um grande desenvolvimento dos Institutos missionários e ajudou a desenvolver o ensino. Também os Seminários diocesanos apareceram em quase todas as dioceses.

Como aspectos negativos – diz ainda Adélio Torres Neiva – salienta-se a colagem da Igreja católica ao Estado, que prejudicou a caminhada dos povos autóctones à independência e a identidade e originalidade das Igrejas locais.²⁷ Na perspectiva protestante, segundo o Pastor Henderson, o Acordo Missionário colocava a Igreja católica em posição de superioridade em relação às outras Igrejas. Em jeito de balanço, concluiu que ‘a estreita aliança entre a Igreja Católica e o Estado português deu à Igreja uma certa força política, mas enfraqueceu-a espiritualmente, ao passo que a comunidade protestante, apesar de desfavorecida sob o ponto de vista político, beneficiou espiritualmente daquela situação. Também o Pastor Schubert diz que a Igreja católica era responsável pelo ensino das crianças angolanas, um ensino dirigido a uma perfeita nacionalização e moralização dos indígenas.

Por isso, a Igreja era obrigada a identificar-se com os planos oficiais

Daqui para a frente foi imparável o aumento de Confissões Protestantes em Angola.

Fátima Viegas, directora Nacional do Instituto Nacional para os Assuntos Religiosos do Ministério da Cultura, escreveu um livro sobre todas as religiões reconhecidas pelo Estado

Angolano, em 1998, e apontou 67 Igrejas Protestantes. Refere ainda a existência de duas Federações Protestantes: a Aliança Evangélica de Angola e o Conselho das Igrejas Cristãs de Angola.

2.12 O legado da Igreja Protestante na luta de independência de Angola

O legado da Igreja Protestante na luta de independência de Angola teve um impacto significativo nas estruturas políticas, sociais e religiosas do país.

Durante o período colonial de Angola, a Igreja Protestante desempenhou um papel crucial na luta de independência contra o domínio português. As igrejas protestantes, como a Igreja Evangélica Congregacional de Angola (IECA) e a Igreja Metodista Unida de Angola (IMUA), foram responsáveis por mobilizar e conscientizar a população angolana sobre os direitos civis e a igualdade.

Além disso, a Igreja Protestante também se opôs à política colonial portuguesa de discriminação racial, pressionando por direitos iguais para todos os angolanos, independentemente da sua etnia ou origem racial. Essa atuação da igreja contribuiu para abrir caminho para uma sociedade mais justa e igualitária pós-independência.

Após a independência de Angola em 1975, as igrejas protestantes continuaram a exercer influência nas estruturas políticas do país. Muitos líderes religiosos protestantes tornaram-se figuras importantes na política angolana, ocupando cargos no governo ou no parlamento. Eles ajudaram a moldar as políticas do país e a promover a ideia de uma sociedade justa e inclusiva.

Nas estruturas sociais, a Igreja Protestante teve um papel fundamental na educação e no estabelecimento de instituições sociais, como hospitais e abrigos para órfãos. Através de suas instituições de caridade, a igreja ajudou a mitigar alguns dos efeitos adversos da guerra civil e da pobreza em Angola.

Em termos religiosos, a Igreja Protestante viu um crescimento significativo em seu número de seguidores desde a independência. Muitos angolanos aderiram ao Protestantismo como resultado direto do papel desempenhado pela igreja na luta pela independência e na promoção dos valores da igualdade e justiça social.

Em resumo, o legado da Igreja Protestante na luta de independência de Angola teve um impacto duradouro nas estruturas políticas, sociais e religiosas do país. A igreja desempenhou um papel fundamental na mobilização popular, na promoção da igualdade racial, na moldagem das políticas do governo, na prestação de serviços sociais e no crescimento do Protestantismo em Angola.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de pesquisa

Para a realização do presente trabalho optou-se nas tipologias de pesquisa explicativa e bibliográfica.

- a) **Explicativa:** é a pesquisa cuja preocupação central é identificar os factores determinantes ou que contribuem para a ocorrência dos fenómenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas, (GIL, 2008).
- b) **Bibliográfica:** é um tipo de pesquisa desenvolvido a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. (GIL, 2008).

3.2 Métodos de pesquisa

Para a concretização da presente pesquisa será necessário apoiar-se aos seguintes métodos de pesquisa:

a) **Teórico:**

É um método que permite analisar uma determinada teoria. Ou seja, para (re) construir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polémicas: tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos, (FANTINATO, 2015).

Este método permitiu reconstruir teoria, conceitos e ideias, com o objectivo de aprimorar fundamentos teóricos, porquanto, é um método que, embora não aplique intervenção na realidade, cria condições para esta situação.

b) **Empírico**

Os métodos empíricos são aqueles baseados na experiência comum e na observação. Centra-se na busca de dados relevantes e convenientes obtidos através da experiência, da vivência do pesquisador. Tem como objectivo chegar a novas conclusões a partir da maturidade experimental, (FANTINATO, 2015).

Este método ajudou-nos, visto que a partir de observações e experiências vividas de coisas, serviu sobretudo para testar a validade de teorias e hipóteses em um contexto de

experiência, uma vez que, aprendemos factos através das experiências vividas e presenciais, a fim de se obter conclusões;

3.3 Instrumentos de Recolha de Dados

Para a recolha de dados usaremos os seguintes instrumentos: Observação, Entrevista e inquérito por questionário.

a) Observação

É uma técnica que consiste em aplicar atentamente os sentidos físicos a um objecto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso. É uma técnica que ajuda a estudar, observar de maneira espontânea os factos ocorridos no local de pesquisa. Com esta técnica foi possível ver, ouvir e examinar os factos e os fenómenos investigados. Ou seja,

[...] Observação simples é aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um actor, (GIL, 2008, pag. 33).

b) Questionário

É um instrumento de investigação composto por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações.

O questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja. Em geral, a palavra *questionário* refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche (CERVO, et al, 2007, p. 53).

3.4 População e Amostra

Segundo Rudio (2007), citado por Amorim (2012, p. 19), a população define-se como grupo de pessoas que têm as mesmas características, designadas por determinada pesquisa. A amostra conceitua-se em uma parte da população que foi seleccionada, de acordo com uma regra ou plano.

3.5 Amostragem

A pesquisa baseou-se na amostragem probabilística, aquelas em que a seleção é aleatória, de tal forma que cada elemento da população tem uma probabilidade conhecida de fazer parte da amostra. Segundo Filho (s.d), são métodos rigorosamente científicos. Este tipo

de amostragem possibilitou selecionar aleatoriamente os elementos que fizeram parte do inquérito.

Quanto ao critério, a pesquisa baseou-se na amostragem Aleatória Simples. Este critério se fundamenta no princípio de que todos os membros de uma população têm a mesma probabilidade de serem incluídos na amostra. Segundo Filho (s. d), rotula os elementos da população e sorteia os indivíduos que farão parte da amostra.

4. ANÁLISE E DISCUÇÃO DOS RESULTADOS

Quanto ao plano de análise e interpretação dos dados, esta etapa é a parte da pesquisa que apresenta os resultados obtidos na pesquisa e analisa-os sob o crivo dos objetivos e/ou das hipóteses. Desta forma, a apresentação dos dados é a evidência das conclusões obtidas e sua interpretação consiste no contrabalanço dos dados com a teoria. Para o autor o objetivo da análise é resumir as observações, de forma que estas permitam respostas às perguntas da pesquisa.

O objetivo primordial da interpretação de dados é a procura do sentido mais amplo de tais respostas em relação a sua ligação com outros conhecimentos já obtidos. No presente estudo a análise dos dados se deu de forma qualitativa, sendo os resultados apresentados de forma discursiva (conforme apresentado no último ponto do desenvolvimento). A pesquisa qualitativa considera que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, sendo que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa.

Mas, para dar maior sustentabilidade ao exposto, apresentamos abaixo os resultados do questionário.

4.1 Tabela de Frequências

Tabela 1-Classificação da amostra

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
Corpo pastoral	6	60,0	60,0
Missionários	2	20,0	80,0
Diaconos	2	20,0	100,0
Total	10	100,0	

Fonte (Autor, 2023).

Tabela 2- Você acredita que a Igreja Protestante teve um papel significativo na luta de independência de Angola?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulativa
Sim	10	100,0	100,0

Fonte (Autor, 2023).

Tabela 3- Você acredita que a Igreja Protestante ajudou a fortalecer o sentimento nacionalista em Angola?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulativa
Sim	10	100,0	100,0

Fonte (Autor, 2023).

Tabela 4- Acha que a Igreja Protestante contribuiu para a conscientização política da população angolana durante a luta de independência?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulativa
Sim	10	100,0	100,0

Fonte (Autor, 2023).

Tabela 5- Você considera que a Igreja Protestante continua a desempenhar um papel relevante na sociedade angolana após a independência?

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulativa
Sim	8	80,0	80,0
Não	2	20,0	100,0
Total	10	100,0	

Fonte (Autor, 2023).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abertura, a liberdade de pensamentos nos estudantes que frequentavam as escolas destas missões, bem como o facto de estas missões optarem pelo ensino da língua, cultura e civilização, diferentemente das escolas públicas coloniais e católicas.

“Coube a estas missões a missão histórica de reformular as mentalidades e a tomada de consciência nacionalista. Os angolanos formados nestas missões incutiam ensinamentos aos africanos que começavam a criar ideias de que tudo o que fosse de Portugal deveria ser combatido” (Lopes e Capumba.).

Estas missões eram mais abertas as ideias nacionalistas, pois, passavam ideias socioculturais para despertar a consciência dos africanos. Foi concretamente nestas missões onde foram forjados a nata de nacionalistas angolanos que mais tarde viriam se tornar os principais dirigentes dos Movimentos de Libertação Nacional. Tal como afirma Muekalia, justificando a ideia de que “não é por acaso que os líderes das três organizações políticas que encarnaram a luta armada anticolonial vieram das missões protestantes. Agostinho Neto, veio da igreja Metodista; Holdem Roberto, da igreja Baptista e Jonas Savimbe, da igreja Evangélica.

A Igreja Protestante teve um papel significativo na disseminação de ideais nacionalistas e mobilização dos angolanos em prol da independência. Algumas das estratégias utilizadas incluíram:

1. Educação: A Igreja Protestante estabeleceu escolas e promoveu a educação básica entre os angolanos. Isso permitiu o acesso ao conhecimento e criou uma consciência política e cultural mais forte entre os indivíduos, despertando um senso de identidade nacional.

2. Pregação: Os clérigos protestantes desempenharam um papel importante ao transmitir ideais nacionalistas durante cultos religiosos e pregações. Esses sermões abordavam temas como liberdade, igualdade e autodeterminação, inspirando e mobilizando os angolanos a lutarem contra o colonialismo.

3. Redes de informação: A Igreja Protestante estabeleceu redes de informação que permitiam a disseminação de ideais nacionalistas. Por meio de comunicações entre as diferentes congregações e missões, as informações sobre eventos políticos e movimentos de libertação eram compartilhadas, instigando a mobilização e ações em prol da independência.

4. Apoio às organizações nacionalistas: A Igreja Protestante ofereceu apoio às organizações nacionalistas e independentistas de Angola. Isso incluiu o fornecimento de recursos, assistência logística e abrigo para líderes políticos e ativistas envolvidos na luta pela independência.

Essas estratégias ajudaram a fortalecer o movimento nacionalista angolano, unindo pessoas em torno de uma causa comum e promovendo a luta pela independência de Angola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FANTINATO, M. **Métodos de Pesquisa**. PPgSI – EACH – USP. 2015.
- FERNANDES, N. A. **Uso de Jogos Educacionais no Processo de Ensino e de Aprendizagem**. 61f. TCC. UFRGS. Alegrete – RS, 2010.
- FILHO, L. M. A. **Amostragem**. Universidade Federal de Paraíba. S.d.
- GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. Atlas. São Paulo, 2008.
- Lopes e Capumba, 2014, p.149
- PACHECO, C. **Agostinho Neto: o perfil de um ditador: a história do MPLA em carne viva**. 1a. edição ed. Lisboa: Vega, 2016. v. I.
- PINTO, D. M. G. **Ensaio sobre a evolução política do Estado Novo**. Porto: Fernando Pessoa, 2010.
- RANGER, T. O. Iniciativas e resistência africana em face da partilha e da conquista. In: BOAHEN, A. A. (Ed.). **História Geral de África – África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2a ed. Brasília: UNESCO, 2010. v. VII.
- ROSAS, F. A CEI no contexto da política colonial portuguesa. In: **Mensagem: Casa dos Estudantes do Império 1944-1994. Número Especial**. Lisboa: UCCLA, 2015. SANTOS, E. DOS. **Maza: elementos de etno-história para a interpretação do terrorismo no noroeste de Angola**. Lisboa: [s.n.].
- SANTOS, E. DOS. **Movimentos proféticos e mágicos em Angola**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1972.
- TALI, J.-M. M. **Dissidências e poder de Estado: O MPLA perante si próprio (1962-1977)**. Luanda: Editorial Nzila, 2001. v. I: 1962-1974.
- TOKAREV, S. **História das religiões**. Moscovo: Progresso, 1990.
- TOMÁS, C. A. DA C. **Discursos e práticas alternativas de reconciliação nacional e de construção da nação em Angola: o caso da Igreja Evangélica Congregacional de Angola**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2010.
- VAZ, J. M. **No mundo dos cabindas: estudo etnográfico**. Lisboa: L.I.A.M., 1970. v. I